ANT
XIX
777

R. 42.468

BIBLIOTECA · Granada · ANDALUCIA ·

VIAGENS

NA

ANDALUZIA

INDICAÇÕES UTEIS

POR

A. EDUARDO DE MOURA

BACHAREL EM DIREITO

COIMBRA
IMPRENSA DA UNIVERSIDADE
1893

VIAGENS

NA

ANDALUZIA

42468

VIAGENS

NA

ANDALUZIA

INDICAÇÕES UTEIS

POR

A. EDUARDO DE MOURA

BACHAREL EM DIREITO

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1893

SC
ANT
70

BIBLIOTECA
Granada
DE ANDALUCIA

AO

ILLUSTRISSIMO SENHOR

JOÃO JACINTHO FERNANDES

Off.

O auctor.

Meu presadissimo amigo:

Offereço-lhe este livro de viagens, como testemunho de muita estima e gratidão, que lhe devo.

Sei que a offerta nada vale; mas, se n'ella houvesse alguma cousa de merecimento, seria devida ao meu bondoso amigo, que não só me prestou a sua agradavel companhia, mas fez com que eu désse mais largas proporções á minha viagem na Andaluzia.

Foi o meu amigo que me instigou a esta publicação, dando-me para ella valiosos apontamentos, e a sua indulgencia foi sempre inexgot-

tavel para as minhas impertinencias de viajante inexperto e bisonho: assim, a quem, senão ao meu amigo, deveria eu offerecer este modesto e despretencioso trabalho?

Creia que serão sempre para mim inolvidaveis os momentos de verdadeira satisfação, que passámos n'aquella interessante viagem, em que tive occasião de apreciar a nobre elevação do seu caracter, disfarçada na fecundidade da sua veia humoristica.

Fui sempre avesso á lisonjas, e por isso lance o meu amigo á conta da franqueza que me ca-

racterisa o que digo a seu respeito, pedindo perdão, se lhe offendo a modestia.

Mas, se a offerta vai livre de egoismo interesseiro, leva entretanto a condição de que o meu nobre amigo será o Anjo Tutelar d'esse pobre livro, que vai correr o difficil caminho da publicidade.

Emfim offereço com ambas as mãos, e sem reservas, o que tenho; e creia que se melhor produzira, melhor offerecera.

Abrantes, 22 de agosto de 1893.

A. Eduardo de Moura.

Advertencia

Publicando este livro de viagens, nem tivemos intenção de nos celebrisar, nem tivemos em vista interesses materiaes.

Se o livro pouco vale como guia de viajante, como producto artistico é o seu valor quasi nullo.

Temos o bom senso sufficiente para sermos o primeiro a reconhecel-o. E quando mesmo a obra tivesse algum merecimento, estamos já em idade adiantada para nos deixarmos seduzir pelos fumos de gloria, que

tão pouco dura, como tudo o que é d'este mundo.

Por outro lado tão estreitos são os mercados de livros portuguezes, ha tão pouca gente que leia, que as publicações d'este valor apenas servem para empenhar os seus auctores; pois que os mesmos publicistas e litteratos de primeira ordem se vêem a braços com serias difficuldades financeiras.

Mas se isto assim é, que razões nos determinaram a emprehender uma publicação d'este genero?

Apenas duas: o desejo de ser util a quem queira viajar na Andaluzia, e o emprego de alguns momentos de ocio n'um trabalho grato ao nosso espirito.

Não temos conhecimento de nenhum guia em portuguez, para viagens n'aquella formosa provincia.

Ora um livro, que indique o methodo a seguir nas viagens, os preços de caminhos de ferro, hoteis, carruagens e outros, os costumes das localidades a percorrer, os monumentos qne devem ser visitados, os divertimentos a que se póde assistir, ainda que seja imperfeito, ha de forçosamente ser um valioso auxiliar ao viajante inexperiente.

Quantas e quantas vezes deixa o *touriste* de ver, com dispendio de pouco tempo e dinheiro, objectos dignos do seu exame, por falta de indicações uteis?

E não se imagine que os cicerones das cidades, que se visitam, supprem a falta d'um guia, que o viajante deve previamente ter estudado, e de que deve ir munido.

É sempre de grande vantagem levar o programma da viagem a fazer, porque assim poderá o *touriste* orçar o seu tempo e as suas

despezas, e não deixará de ver o que couber n'esse orçamento.

Ha pessoas que, com pouco tempo e dinheiro, vêem mais e melhor do que outros gastando muito.

Assim, o presente livro póde realmente prestar valiosos serviços a quem quizer visitar as principaes cidades da mais bella provincia da Hespanha.

Hão de sempre lembrar-nos com saudade os dias que passámos n'essa viagem; e por isso, escrevendo este livro, foi-nos bem grato recordar as impressões que n'ella experimentámos.

Se todos têm obrigação de desenvolver e aperfeiçoar as suas faculdades mentaes, nenhum meio melhor do que escrever um livro.

Por mais vastos que sejam o saber e os

talentos do escriptor, a publicação d'um livro demanda sempre escrupulosos e adequados estudos litterarios e scientificos sobre o assumpto de que se tracta; e parece-nos que é bem mais digno de louvor cultivar cada um o seu espirito n'estes trabalhos, do que explorar a maledicencia e a intriga indigenas, ou malbaratar o tempo em estereis distracções.

Entretanto não pense o leitor achar, n'este livro, a narrativa de casos de sensação, ou engraçados contos para rir, productos da phantasia de qualquer viajante imaginoso, e não resultados da observação de escriptor consciencioso.

Somos de opinião que um livro de viagens não é, nem póde ser um romance. Poderá o viajante descrever com mais ou menos *verve* e criterio, poderá ser algum tanto phantas-

tico nas suas apreciações, ser exaltado, e mesmo dar largas ao seu estro poetico, tendo-o; a verdade, porém, deve sempre transluzir no fundo das suas descripções.

É necessario acabar com a lenda de que o caçador e o viajante mentem sempre.

Um livro de viagens deve, pois, contar, em estylo ameno, as impressões pessoaes e o modo de sentir do seu auctor, a par com a descripção geographica e historica dos logares que se visitaram, e dos successos mais notaveis que ahi se passaram.

Se nem todos podem avaliar um monumento debaixo do ponto de vista esthetico, é agradavel e importa muito saber, ao menos, dizer alguma cousa sobre as impressões que nos causou, que factos notaveis lhe deram origem, e que acontecimentos extraordinarios ahi tiveram logar. A historia

d'um povo explica-se pelos seus monumentos, como estes se explicam por aquella.

É incontestavelmente interessante saber a origem do que nos causa admiração.

Foi este o methodo que nos pareceu ver seguido nos livros de viagem de Chateaubriand, Lamartine, Gautier e outros; e foi tambem o que adoptámos.

Se bem ou mal, o leitor indulgente o dirá.

Abrantes, 23 de agosto de 1893.

O auctor.

CAPITULO I

Do prazer e utilidade das viagens

Não conhecemos prazer egual ao das viagens. O viajante exulta de satisfação perante os variadissimos espectaculos que a natureza apresenta a seus olhos, e aprende nos costumes, na civilisação dos povos, nas multiplices manifestações da arte e industria humana que desconhecia.

Aqui é o panorama imponente dos vastos mares, umas vezes revoltos pelas tempestades, outras serenos como as aguas de um lago immenso, espreguiçando as suas prateadas ondas pelas orlas das praias; além são as montanhas agrestes com os seus picos alterosos, cobertos de neve, e os seus flancos

povoados de luxuriantes florestas; n'outra parte são os rios espraiando-se docemente pelos campos marginaes, que fecundam e embellezam; acolá as veigas, os prados cobertos de messes, as hortas, as quintas, os vinhedos, as arvores umas vezes dispostas segundo os caprichos da natureza, e outras em fórmas geometricas, tudo fecundado pelo trabalho incessante do lavrador, sempre em lucta com a terra para fazer desentranhar dos seus seios uberrimos e inexgottaveis as mais variadas producções, e os fructos mais exquisitos e delicados; mais além extendem-se a perder de vista as charnecas incultas, que esperam pela industria do homem, e que tambem têm as suas bellezas, onde paira a aguia em busca da presa, e onde pastam tranquillamente o cavallo, orgulhoso do seu prestimo e com as suas bellas fórmas esculpturaes; emfim, espalhadas por todas as regiões da terra vêem-se as aldeias e as cidades, ora humildes e até selvagens, ora risonhas e monumentaes, onde se póde examinar tudo quanto o genio superior do homem tem produzido de mais admiravel.

Só quem tenha completamente obliterados os sentimentos do bello e do grandioso, deixará de impressionar-se devéras com os espectaculos variados e formosos, que a terra lhe offerece em todas as regiões, ainda as mais inhospitas.

O globo é, pois, em todos os seus aspectos como que um grande livro, onde Portugal occupa uma pequena pagina, e cuja leitura é sempre instructiva, e muitas vezes deleitosa.

Sem ella, por mais elevados que sejam os talentos e as aptidões do homem, a cultura do seu espirito, e o estudo das artes e sciencias ficarão sempre incompletos.

Como poderiam o pintor, o esculptor, o architecto, o poeta produzir as suas obras primas, que tanto admiramos, se não estudassem nos museus das grandes cidades, se não se inspirassem nos diversos costumes dos povos e nos bellos panoramas da terra?

Valem muito o genio e a originalidade, mas não é tudo. As concepções dos espiritos superiores e as suas manifestações em obras d'arte, para serem brilhantes carecem do

proficuo estudo, que só nas viagens se póde alcançar.

A arte não nasce perfeita, como Minerva nasceu da cabeça de Jupiter.

É ella uma legitima filha da civilisação dos povos, para a qual todos contribuem com o seu contingente, e imitando se modifica e aperfeiçoa até chegar ao seu maior desenvolvimento.

Mayerbeer, para receber a sagração do seu genio e produzir as suas prodigiosas composições musicaes, abandonou a Allemanha e foi viajar á França, fixando a sua residencia em Paris; e Bizet não escreveria a *Carmen,* se não viajasse na Andaluzia e ahi estudasse os costumes hespanhoes.

Como poderia Camões compôr a sua epopeia immortal, sem as suas viagens maritimas, sem as suas observações nas regiões da terra, que percorreu?

E quem ignora que Cervantes, Byron, Victor Hugo e tantos outros devem, em grande parte, ás viagens as suas melhores obras?

Alguns dos nossos classicos, Damião de Goes, Barros, Frei Luiz de Sousa, P.e Vieira,

cultivaram o seu espirito em diversas côrtes da Europa e n'outras terras estranhas para escreverem as suas melhores obras; e Herculano e Garrett tambem aprenderam muito no estrangeiro, comendo o pão do exilio. Para escrever a sua monumental historia de Portugal, viajou Herculano em Portugal e Hespanha, estudando os pergaminhos nos archivos e os monumentos arabes na Andaluzia.

Ha até quem viaje unica e exclusivamente para estudar o paiz, onde se passou o facto que se pretende historiar, ou romantizar. Assim o fizeram, Renan para escrever a vida de Jesus, e Eça de Queiroz, quando quiz escrever a *Reliquia,* um dos seus mais bellos trabalhos.

Mas um dos mais frisantes exemplos do muito que podem as viagens está na historia de Pedro, *o grande,* da Russia. Foi aprendendo nas viagens que este grande homem arrancou da barbarie as hordas selvagens das suas steppes, fazendo d'ellas, em poucos annos, um imperio poderoso e civilisado.

Abandona os seus estados para melhor os

governar, no dizer conceituoso de Voltaire, e, seguindo incognito uma embaixada, que envia ás principaes côrtes da Europa, viaja por differentes paizes, e vemol-o por fim, nos estaleiros da Hollanda, exercer os officios de carpinteiro, ferreiro e outros para aprender a construir navios!

E tambem o legislador, o estadista, antes de se abalançarem a governar os povos, deviam por obrigação viajar a fim de estudarem as instituições dos paizes cultos, observando de perto como ellas ahi se executam, os seus resultados practicos, e o que valem ahi as artes, as sciencias e as industrias.

É convicção nossa que uma das mais poderosas causas da decadencia de Portugal está no modo como n'estes ultimos tempos se fabricam estadistas sem experiencia, sem conhecimentos practicos, que só o tempo e o tracto dos homens podem dar.

Mancebo que saiba architectar uns castellos de palavras sonoras, e que tenha uma certa astucia amaneirada, é proclamado estadista de primeira ordem, ainda que nunca sahisse da sua terra, e ignore a sciencia de

bem governar os homens. E como a critica é facil, vemol-o logo guindado aos primeiros logares!

É assim que temos visto o extraordinario phenomeno, invenção portugueza, de nomear para as pastas da marinha e das obras publicas novatos bachareis em direito, sem conhecimentos practicos e theoricos d'aquelles assumptos!

É verdade que em Portugal abundam os genios transcendentes, capazes de, dentro em poucas horas, fallarem de todas as sciencias; mas os negocios da governação vão de mal a peior.

As nossas riquissimas colonias, que deviam contribuir para as despezas do estado, são um sorvedouro de dinheiro; e as nossas primeiras obras d'arte architectural, ou não se concluem, ou ficam defeituosas, quando não cahem em ruinas, e são uma das primeiras causas da nossa pobreza financeira.

Algum estadista, que se atreve a abandonar a intriga da mesquinha politica portugueza, e a viajar pelas provincias da publica administração (em sentido natural) vai

receber homenagens, assistir a festins e preparar-se para, á custa dos interesses nacionaes, fazer favores em troca do pôdre incenso queimado em sua honra.

Não somos pessimista, nem queremos ser perante o estrangeiro a trombeta do nosso descredito; mas urge examinar onde está o mal e pôr-lhe o dedo para melhor o cauterisar.

Honremos o que temos de bom, e não deixemos, por uma especie de caricato e nocivo *chauvinismo*, de denunciar o mal para o supprimir.

É necessario abandonar esse quietismo idiota em que temos vivido. É muito bom honrar os serviços e a memoria dos nossos maiores, e apregoar aos ventos da publicidade as nossas liberdades, as riquezas do nosso solo, as nossas qualidades sociaes; mas é ainda melhor ter juizo, trabalhar, progredir, aprendendo nas escholas das nações cultas o muito que falta nas nossas.

Uma nacionalidade qualquer não justifica a sua existencia só com as glorias dos seus grandes homens, que foram, e dos seus fei-

tos, que já não são; mas pelo modo como se governa, e pela sua activa collaboração nos progressos da humanidade.

Se já não temos Indias que descobrir, povos barbaros que conquistar, viajemos e aprendamos nas variadissimas escholas do grande mundo.

Não façamos só bachareis e empregados publicos; enviemos ao estrangeiro os nossos mais aptos mancebos para estudarem o que nos falta, que é muito, segundo as vocações de cada um; mas ponhamos de parte o empenho, premiando os que se distinguirem e abandonando ao seu destino, ou castigando os que se tornarem indignos da missão de que se incumbiram.

É muito boa a amizade, que devemos cultivar com as dedicações das nossas pessoas e com os recursos das nossas fortunas; mas não lhe sacrifiquemos valiosos interesses nacionaes, como até aqui se tem feito. Procurem, e acharão no patronato uma das primeiras causas da decadencia do paiz.

Na Suissa poderiamos aprender a ter poderosos exercitos com pouca despeza rela-

tiva; nos monumentos e museus da Italia, França e Hespanha educariamos os nossos artistas na pintura, na architectura, na esculptura e artes correlativas; na Inglaterra veriamos como uma grande nação póde ser feliz governando-se pelas instituições liberaes, e em alguns d'aquelles paizes muito teriamos que aprender nos processos das industrias modernas e nos milagres do commercio internacional.

A leitura e o estudo dos bons livros no silencio dos gabinetes são realmente d'uma grande utilidade; mas é ainda mais util o estudo practico nos logares apropriados, porque lhes é um complemento indispensavel.

De todas as terras da Europa é o solo portuguez que tem as melhores faculdades productivas; e no emtanto é um dos que produzem menos. Se eu fosse pois um cultivador intelligente, iria ao estrangeiro aprender nas regiões adequadas os processos modernos da cultura que me fosse necessaria.

Mas os encarregados d'essas missões, á custa da nação, deveriam conduzir-se como

apostolos convictos, sacrificando commodidades e divertimentos, e seriam obrigados a publicar o resultado dos seus estudos, sem pedantismo, sujeitando-se assim ao veredictum da critica e do bom senso dos homens competentes.

Perdoe-nos o leitor benevolo esta digressão, que provavelmente vem fóra do plano d'este capitulo; mas não podémos resistir á tentação de escrever o que nos ia cahindo dos bicos da penna. Essas considerações contêm verdades, que, ainda que se tenham tornado banaes, muito convém, ainda assim, repetir.

Se é verdade que todo o homem tem obrigação de apurar as suas maneiras, de se despir de prejuizos e erroneos preconceitos, de desenvolver as suas aptidões physicas e as suas faculdades mentaes para melhor attingir os seus fins legitimos, familiares e sociaes, as viagens dão os meios mais rapidos e agradaveis para os conseguir.

As viagens constituem, pois, a eschola e a distracção mais dignas do homem que deseja esquecer-se dos cuidados nas luctas pela

existencia, e cultivar e enriquecer de conhecimentos uteis o seu espirito.

Poderão redarguir-nos que ninguem contesta a utilidade das viagens, mas que, para muita gente, ha a impossibilidade de viajar no estrangeiro por falta de meios, e que no paiz ha muito que ver e admirar. Ha muito de verdade n'esta objecção, que não podemos deixar de reconhecer.

É o homem a imagem de Prometheu, que debalde tenta quebrar os grilhões das necessidades, que o acorrentam á terra, onde exerce um modo de vida; roe-lhe as entranhas o abutre de desejo de expandir-se, de ver mundos, que lhe são desconhecidos; mas envelhece e morre formando projectos nunca realisados, aspirações nunca satisfeitas.

Poucos são realmente os dilectos da fortuna, aos quaes seja dado o prazer das viagens de longo curso; mas não é menos verdade que, com algumas excepções, o portuguez tem horror a sahir para fóra da sua terra.

Não gosta de sacrificar uma pequena parcella de sua fortuna e as suas commodidades

caseiras aos attractivos e á instrucção que se alcançam nas viagens, e julga que nada d'isso compensa um tal sacrificio. E alguns dos que se atrevem a passar a fronteira, são levados mais pelo prurido da moda e do divertimento, do que pela ideia de completarem a sua educação e augmentarem o peculio dos seus conhecimentos.

Esta falsa ideia das viagens, o exaggerado amor ao torrão patrio, que se julga o melhor dos mundos possiveis, e que até nos leva a desdenhar do muito que ha digno de ver-se lá por fóra, têm contribuido poderosamente para o nosso atrazo nos progressos da actualidade.

Não desprezemos o que é nosso, mas vejâmos e estudemos sempre o que ha no estrangeiro e nos falta no paiz.

Somos os primeiros a admirar os panoramas de Cintra, Bussaco, algumas das vistas mais risonhas de Coimbra, Porto e Minho, que realmente inspiram e arrebatam; temos monumentos architectonicos de primeira ordem no seu genero, taes como o convento da Batalha, a egreja dos Jeronymos, a torre

de Belem; mas que infinita variedade ha lá por fóra de tudo isso e de outras obras primas, em que nada somos!...

Basta fazer uma simples viagem pelas principaes cidades da Andaluzia, para d'isto se convencer o portuguez sensato e imparcial.

Os preguiçosos, os timidos, os que formam do mundo um juizo errado e os que fazem um estupido uso da sua fortuna dão tambem como motivos de não viajarem no estrangeiro os incommodos, os grandes dispendios, a sua ignorancia das linguas estranhas, e ainda a falta de companhia.

Mas não têm razão.

Tanto pelas vias terrestres, como pelas maritimas, se viaja hoje com tantas commodidades, qne o *touriste* mais exigente nada terá que desejar.

Muitas pessoas abastadas não têm nas suas casas os recursos que ha em alguns hoteis de primeira ordem, e até de segunda.

Se as viagens trazem algumas fadigas, que de contentamentos e prazeres as compensam?

E quaes são as acções e os prazeres que não trazem, como companhia inseparavel, alguns incommodos?

E não devemos exaggerar as despezas com as viagens.

É o inglez, o verdadeiro typo do viajante, que devemos imitar.

O inglez não viaja para *figurar,* porque seria isso rematada loucura; viaja para se instruir e deleitar; e, viajando muito, gasta pouco relativamente.

Sem deixar de se servir dos meios de transporte mais seguros e commodos, e de ficar em hoteis de primeira ordem, vemol-o discutir verba por verba a conta do hotel, e ajustar os preços dos inculcadores officiosos, dos cicerones e dos moços de fretes, que tanto abundam nas grandes cidades e que só têm em mira explorar o estrangeiro ingenuo, que quer fazer de grande senhor.

Limitando a sua bagagem ao absolutamente indispensavel, o inglez obtem preciosas vantagens de economia e movimento. Umas boas botas, um fato bom na mala, accommodado á estação, e, quando muito,

outro no corpo, um chapéo de feltro, tres ou quatro camisas e ceroulas, alguns collarinhos, pares de meias e lenços, umas escovas e sabonetes, um sobretudo na manta de abafar, e os indispensaveis guia de viajante e horario do caminho de ferro constituem a bagagem do viajante, que se preza.

As senhoras devem accommodar, quanto possivel, os seus arranjos a esta simplicidade.

O viajante não tem necessidade de entabolar conversação com os estrangeiros, ainda que isso seja de alguma utilidade e muito agradavel; mas sim de comprehender e fazer com que o comprehendam para satisfação das suas necessidades impreteriveis.

Ora, para conseguir este resultado, basta que saiba alguma cousa da lingua franceza. Não receie até estropiar o francez, porque os estrangeiros, quando vêm a Portugal, tambem não fallam melhor a nossa lingua.

Temos visto quem falla regularmente o francez na sua terra, mas que não póde sustentar uma conversação com um parisiense. Os francezes, e especialmente os parisien-

ses, intelligentes como são, comprehendem tanto a conveniencia de attrahir o estrangeiro, que se desfazem em amabilidades e exgottam todos os meios para se fazerem comprehender.

O seu francez para o estrangeiro não é o mesmo que usam entre si.

Tem muitos encantos um bom companheiro de viagem, com quem possamos conversar na lingua patria, e viajando de companhia algumas economias se fazem em carruagens, gorgetas a creados e outras; mas tambem tem grandes vantagens o viajar só. Por mais condescendente que seja o viajante, por mais apreciaveis que sejam as suas qualidades pessoaes, é muito difficil estar sempre de accordo com o companheiro, e ainda mais com os companheiros.

Ha as differenças de costumes, de disposições de espirito, de gosto, de orientação mental, de edades, as desegualdades de meios, pois uns dispõem de mais e outros de menos tempo; e por isso é difficil marcharem sempre de perfeita harmonia.

Entretanto, se algum viajante podér achar

um companheiro com a experiencia de viajar, amavel, intelligente, de costumes semelhantes aos seus, aproveite-o, porque achou uma preciosidade. N'estas condições aconselhamos-lhe a que viaje de companhia; mas, em todo o caso, não deixe de viajar só, se a não achar.

Algumas vezes se arranjam, nas proprias viagens, boas relações pessoaes e excellente companhia; as que aqui descrevemos são d'isso exemplo frisante, como se verá no capitulo III.

Portanto, viajem todos os que podérem, guiados sempre pelo amor de se educarem, e affirmamos-lhes que darão por muito bem empregado o seu tempo e o seu dinheiro.

CAPITULO II

Supposições e realidades

Nutriamos ha annos o desejo de viajar pela Andaluzia, onde sabiamos havia monumentos e panoramas de primeira ordem; estavamos, porém, muito longe de imaginar que bellezas e encantos existem n'aquella terra abençoada.

Parece que a natureza e a arte se deram as mãos para fazerem da Andaluzia um eden de delicias.

É que alli dominaram por largos seculos os povos mais cultos e artistas do mundo antigo, romanos, arabes e outros, e lá deixaram profundos e immortaes vestigios da sua passagem; e a natureza ahi prodigalisou os seus mais preciosos thesouros.

A cada passo, nas principaes cidades da Andaluzia, se encontram immorredoiras e poeticas recordações do dominio d'aquelles povos, e não se imagina a suave melancholia, que se apodéra do viajante sensivel, ao contemplar os monumentos mouriscos de Sevilha, Granada e Cordova.

Depois de largas horas no exame de tanta maravilha, cada qual mais bella, recolhe o viajante á sua *fonda*, vivamente impressionado, a descançar das fadigas do dia. Mas, alta noite, em sonhos, parece-lhe ouvir os passos da atalaia mourisca nos adarves dos castellos, emquanto a formosa odalisca, nos rendilhados e brilhantes salões da Alhambra, vibra as cordas do alaúde, aligeirando o tempo ao seu senhor, e fazendo da existencia do feliz mortal uma fonte perenne de delicias. E de manhã, atravez da nebrina, imagina ver scintillar luzentes armas de ligeiros esquadrões dos garbosos filhos do oriente, envoltos nas suas largas vestes de vivas côres, lançadas ao vento.

É o que experimentou quem escreve estas rapidas impressões.

BIBLIOTECA DE ANDALUCIA Granada

Mas, se tudo isso desappareceu na voragem dos tempos, que de monumentos de eterna fama nos deixaram a capacidade scientifica e o genio profundamente artistico d'esse bello e intelligente povo!

É bem fragil a estructura do homem, cuja existencia d'um momento passa como uma sombra, que vai perder-se no infinito; mas é consolador pensar como as maravilhas da sua industria têm resistido á acção dos seculos, e até ao vandalismo dos barbaros, para serem admiradas pelas gerações vindouras.

Se algum povo merece as sympathias e a admiração da posteridade, é certamente o arabe, que tanto affirmou o seu grande valor em todos os conhecimentos humanos, e no modo culto de viver em sociedade.

Vivendo no meio da barbarie da edade media, em lucta intransigente e porfiada com os sectarios d'uma religião diversa e intolerante, soube, ainda assim, crear uma civilisação requintada e servir de luminar aos outros povos.

Emquanto as nacionalidades europeias

levavam uma existencia quasi selvagem, em Cordova e Granada, onde nasceram illustres sabios, floresciam afamadas universidades, frequentadas por milhares de alumnos, muitos d'elles estrangeiros.

Ahi se ensinavam a astronomia, a algebra, que os arabes tinham trazido das escholas de Alexandria e fizeram conhecida na Europa, a geometria, a physica, a medicina, que tanto progrediu no seu tempo, o direito, a historia e outras sciencias; e foi lá que a chimica deu os seus primeiros passos.

Nos paços dos reis se cultivavam com esmero a poesia e a musica, e os seus artistas em construcções e manufacturas eram considerados os primeiros do mundo, como ainda hoje dão testemunho monumentos taes como a Alhambra.

As suas fabricas de sedas, pelles, armas, e muitas outras tiveram fama universal, e ainda se podem admirar nos museus alguns restos dos seus artefactos em metaes e ceramica.

Ninguem, como o arabe, soube os melhores methodos de cultivar as hortas, pomares

e jardins, e de construir obras, que ainda hoje poderiam servir de modelo, para irrigação e defeza das terras.

É que o povo arabe, além do seu genio naturalmente poeta e artista, trazia a cultura das grandes cidades do oriente e aprendera na civilisação egypcia.

Pensa muita gente que ler nos livros a descripção d'um monumento, ou examinar nas photographias o aspecto d'um panorama, o mesmo é que vel-o com os proprios olhos.

Ha até viajantes que nunca viajaram, outros que viajaram e não viram, mas que não se dispensam de impingir aos amigos aventuras que não aconteceram, e de lhes descrever o indescriptivel, ainda quando se tenha examinado conscienciosamente o objecto que se descreve.

Quem nunca viu Paris poderá imaginar que é apenas uma Lisboa em ponto grande; se, porém, visitar aquella grande e bella cidade, verá como se engana, e como os aspectos grandiosos de Paris são diversos dos de Lisboa. E se frequentar os seus museus, os

seus monumentos architectonicos, os seus estabelecimentos industriaes, os seus jardins, o que lhe levará mezes, ha de convencer-se de que Lisboa é d'uma pobreza lamentavel, se a compararmos com a grande cidade.

Ao examinar um monumento qualquer poderá o artista ou o homem de sciencia dizer do seu genero architectonico, descrever com mais ou menos relevo e verdade os seus ornatos, por quem foi feito, quando, que feitos historicos symboliza; mas o que ninguem poderá conseguir é que se fique fazendo ideia exacta do objecto como se o estivera vendo.

Ha da Alhambra excellentes photographias, ha ainda das suas salas artisticas imitações em relevo, feitas em gesso, jaspe, metaes luzentes e outros materiaes; mas o original fica sempre muito superior, porque é inimitavel.

Os resultados de um exame directo dependem ainda do sentimento esthetico, da impressionabilidade, da educação e das disposições de espirito do observador.

Se alguns, devéras impressionados, se arrebatam ao contemplar um monumento grandioso, honra do genero humano, outros ha que ficam frios e impassiveis, limitando-se a dizer indifferentes: é *bonito*.

Assim, as impressões são perfeitamente individuaes, denunciam o estado psychologico do observador, e as narrativas do viajante serão o seu resultado.

Um mesmo objecto descripto muitas vezes apresentará tantos aspectos, quantas as narrativas.

A apreciação de um monumento varía ainda com os tempos e com o estado de civilisação dos povos.

O iconoclasta christão, que mutila as estatuas romanas em Italica, para apagar os vestigios do paganismo, ou que deturpa por identica razão os monumentos arabes da Andaluzia, não vale mais do que o barbaro Totila, que manda arrazar Roma, ou do que o venesiano Morosini a bombardear a Acropole em Athenas.

São os monumentos architectonicos os documentos onde melhor se pode ler a historia

dos costumes, da indole, do genio, dos feitos e da cultura dos povos.

Se a immensa e imponente mesquita de Cordova nos dá ideia do profundo sentimento religioso do arabe na crença de um só Deus, e da sua já adeantada civilisação nos primeiros seculos do seu dominio na Peninsula; se ahi se vê a prova da sua aspiração á independencia do kalifado de Meka; a Alhambra e os seus paços são um documento vivo da requintada cultura, a que tinham chegado os arabes de Granada no seculo XV, e dos primores da vida brilhante, sensual e mysteriosa que passavam os seus reis.

Ao admirar-se a Alhambra póde phantasiar-se o paraizo imaginado por Mahomet.

Quem deixará de ler nas arcadas, nas columnas, nos ornatos e emblemas da nossa egreja dos Jeronymos — esse monumento bello d'uma edade mais bella — a pagina mais gloriosa da historia portugueza, a historia das nossas viagens maritimas e das nossas descobertas?

E nos marmores do convento da Batalha

não estão esculpidas as estrophes em que ainda se cantam os feitos epicos dos portuguezes em Aljubarrota?

As mysticas cathedraes gothicas da edade media com as suas flechas a perderem-se no céo, levando seculos a construir, demonstram como n'aquelles tempos a funcção religiosa absorvia todas as outras funcções sociaes, e explicam as carnificinas de sectarios que liam o mesmo evangelho.

Examinae os soberbos baixos-relevos do arco de triumpho em Paris, lêde attento nas suas abobadas a inscripção dos feitos gloriosos do grande exercito, e ha de parecer-vos ver ainda desfilar por debaixo d'elle as suas aguerridas hostes napoleonicas em busca de Austerlitz, Iena, Wagram, Moscou.

E tambem n'este fim de seculo, as grandes obras de abertura de isthmos, de construcção de viaductos, de pontes, de tunneis monumentaes, de theatros, de palacetes ostentosos, em que se baralham os estylos, dirão aos vindouros que foram feitos n'uma epocha de mercantilismo, em que tanto se attende á

facilidade de communicações, e a todos os commodos materiaes da vida.

É a epocha em que domina el-rei Sancho, como tão espirituosamente nos dizia Garrett.

Portanto, a imprensa não matou nem matará a architectura, não obstante a affirmativa em contrario do grande poeta francez.

Emfim, se os monumentos são padrões da historia dos povos que passaram, onde podem ler o amador, o antiquario, o artista e o homem de sciencia, convém examinal-os e não confiar em descripções e pinturas.

O simples *touriste,* ao contemplal-os, verá como se exalta e engrandece a seus proprios olhos, experimentando momentos de verdadeiro prazer e satisfação.

E, se é impossivel reproduzir nas telas e nos livros a infinita variedade de vistas e panoramas das diversas regiões da terra, nas suas linhas, no seu colorido, nos seus aspectos geraes, nos seus ruidos, e sobretudo nas impressões que exercem sobre nós, deve o artista, o poeta ou o mais simples mortal viajar, viajar muito, se quizer fazer

uma ideia approximada do mundo que habitamos.

Quem ignora a influencia que exerce sobre o homem o meio em que vive?

O homem collocado no meio d'uma natureza rude e monotona, vivendo em sociedade de baixo nivel intellectual, nada poderá produzir de notavel, quaesquer que sejam as suas aptidões.

As viagens, o tracto do grande mundo do trabalho e da intelligencia, serão sempre a grande eschola, a eschola mais digna e proveitosa.

CAPITULO III

De Lisboa a Sevilha

Eis-nos a caminho da formosa capital da Andaluzia. Resolvidos a assistir ás festas da semana santa d'esta cidade, comprámos o nosso bilhete de ida e volta, primeira classe, que nos custou 13$500 réis, e entravamos para a carruagem, no dia 27 de março de 1893, quando deparámos com o nosso presado amigo, o sr. João Jacintho Fernandes, que de companhia com o seu parente, o sr. João Ignacio da Costa, iam mais uma vez assistir áquellas afamadas festas e viajar pelas mais notaveis terras da Andaluzia.

Tão feliz encontro foi para nós uma ver-

dadeira fortuna, porque áquelle cavalheiro devemos o prazer de dar á nossa viagem mais largas e interessantes proporções. Guia esclarecido e consciencioso, viajante experimentado e infatigavel, sempre com um dito espirituoso a amenisar a situação mais sensaborona e escabrosa, obsequiador por indole, é o sr. João Jacintho um excellente companheiro de viagem. Se não foram as suas preciosas indicações, a sua amavel companhia, a viagem que fizemos seria sempre interessante e proveitosa, mas não teria os encantos que teve.

Aqui lhe damos o testemunho do nosso reconhecimento.

Installados, pois, na nossa carruagem, começou logo um alegre tiroteio de animado cavaco, repassado de engraçados ditos dos nossos companheiros, e duraria toda a noite se não fossem as notas graves de um certo trombone, que não podéra resistir ás seducções do somno matutino.

Um verdadeiro mosaico de cavaco, em que se contaram historias, se fallou de politica, e sobretudo de viagens, assumpto inexgottavel

para quem, como o sr. João Jacintho, tem corrido a Europa quasi toda.

Fica Badajoz a meio caminho de Lisboa e Sevilha, e ahi chegámos na manhã do dia 28 de março. Começámos os nossos trabalhos do dia tomando chocolate á hespanhola; e assim entrámos logo no regimen alimentar do paiz.

Se fores a Roma, faze-te romano.

Em Hespanha a gente que se preza toma chocolate, ou uma chavena de leite, ao levantar da cama, almoça ás 11 horas, ou ao meio dia, e janta á noite.

É um excellente regimen, principalmente para o *touriste,* que precisa de vigor para as suas digressões. O chocolate hespanhol tem com justo motivo fama europeia, e costumam servil-o com uns doces apropriados; mas nos melhores hoteis tambem o preparam á franceza para ser servido com fatias de pão e manteiga.

De Badajoz segue o comboio em direcção a Merida, onde ha baldeação para quem quer seguir directamente para Sevilha. Avistam-se da estação a cidade e as ruinas do gran-

dioso e vetusto aqueducto romano, documento imponente da fragilidade das coisas humanas.

Merida, a antiga Emerita Augusta dos romanos, situada na margem direita do Guadiana, foi outr'ora uma cidade de primeira ordem. Cercada de muralhas e torres, animada por uma população activa e numerosa, possuia magnificos monumentos, taes como os templos de Marte e Diana, o arco de triumpho de Trajano, o seu grandioso aqueducto, e muitos outros; e ainda no tempo da dominação agarena representava papel muito importante.

Diz o mouro Razés: «que no mundo não ha homem que compridamente possa contar as maravilhas de Merida.» Será um modo de dizer hyperbolico, tão proprio da quente imaginação dos povos orientaes, mas que, em todo o caso, mostra o grande valor da cidade por aquelles tempos.

Merida foi capital da antiga Luzitania, e em Merida passava uma estrada romana, que de Lisboa seguia a Septem Aras (Benavente), a Matuzarum (Ponte de Sôr), Eltori (Alter) e Badajoz.

Alexandre Herculano faz, na sua historia de Portugal, muitas referencias a Merida, e mostra a importancia que ella teve no tempo da dominação arabe.

Hoje é uma cidade decadente com uma população limitadissima, perdida e quasi ignorada na Extremadura hespanhola; mas os seus habitantes, como bons hespanhoes que são, honram altivamente as tradições das suas ruinas e do seu passado esplendor.

Tendo passado o Guadiana, absorvidos nas recordações da antiga cidade, seguimos por essas vastas campinas da Extremadura e Andaluzia, atravessando alguns dos contrafortes da famigerada Serra Morena.

A Serra Morena!...

Quem ha ahi que não tenha ouvido fallar d'esta lendaria serra e das suas quadrilhas de salteadores, armados de trabucos, com a sua manta de cordão e o romantico chapeo andaluz?

Quem se não recorda d'aquelle episodio da nossa politica, em que um estadista portuguez foi accusado de ter feito parte d'uma das quadrilhas, que infestaram a serra, sem

deixar de continuar a ser chefe de partido e homem de governo?!...

Mas essas hordas passaram á historia.

Alexandre Dumas, se quiz experimentar a commoção de ser roubado em Hespanha por um d'esses bandos, foi-lhe preciso que o assaltassem o estalajadeiro e creados, a quem se lastimára de lhe não terem apparecido ladrões na terra classica dos salteadores.

O lendario salteador era cavalheiro, valente, romantico, e até patriota.

Giraldo Sem Pavor conquista Evora aos mouros, que entrega ao seu rei para assim remir seus crimes; e os salteadores da Serra Morena fizeram aos francezes, no começo d'este seculo, brava e crua guerra de cochilla e trabuco.

Ora em guerrilhas, ora enquadrados nos corpos regulares do exercito nacional, foram os mais valentes e terriveis patriotas hespanhoes, que se defrontaram, em Hespanha, com as aguias napoleonicas.

Mas tambem o progresso chegou aos senhores ladrões. A classe é hoje muito mais numerosa, e encontra-se em todas as ordens

sociaes; os seus processos, porém, são muito diversos dos antigos. O officio rende hoje muito mais, e é menos perigoso. Até mesmo os senhores ladrões obedeceram ás leis do transformismo.

Para achar o ladrão *cavalheiro* em todas as camadas sociaes, não será necessaria a lanterna de Diogenes.

Ha de tudo, desde o ladrão reles, que furta para matar a fome dos filhos, até ao ladrão *chic,* de casaca e luva branca, de excellente apresentação social, que furta para gosar, para ostentação de sua pessoa e familia, e até para obsequiar os amigos.

Ha ladrões extremamente felizes, que morrem na cama como uns justos, pranteados pela familia, rodeados de amigos, e que apanham, no dia seguinte, necrologio campanudo das gazetas, que formam a opinião publica, em que são exaltadas as virtudes e os extraordinarios merecimentos do illustre extincto.

São frequentes os casos pathologicos, de que enferma uma certa sociedade, de delapidações e roubos chronicos, nas recebedo-

rias e outras estações publicas; mas a folha, que os denuncia, traz sempre o elogio do ladrão, que, a não ser ladrão, é sempre excellente pessoa, muito bemquisto e conceituado na sua terra, e mais digno de lastima, do que de castigo. Coitado!... Se roubou os cofres publicos, foi para valer aos amigos e para outras obras meritorias.

E nunca ninguem viu um d'estes illustres e bondosos sujeitos na penitenciaria; o mais que lhe acontece é ter que viajar em paiz estrangeiro com os bolsos bem recheiados, já se vê.

Ha alguns tão finos, que dá mesmo vontade á gente de se deixar roubar por elles; e outros, que, passando toda a sua vida por pessoas pobres, de indiscutivel probidade, muito embora estadistas de grande capacidade, deixam nos bancos estrangeiros (á cautela) centenares de contos de réis!...

Mas tudo isto é por amor á familia.

Acontece, uma vez ou outra, ser descoberto algum ladrão imprudente de alto cothurno; mas, n'este caso o furto não é considerado um crime. É um escandalo social,

que póde manchar as instituições, e como tal é abafado por alguma capa protectora.

Mas o ladrão que se preza nunca deve ser egoista. Convém-lhe usar largamente da generosidade, dar donativos aos albergues e asylos, abrir francamente a sua bolsa nas calamidades publicas, ser extremamente attencioso para com todos, de maneiras fidalgas, e sobretudo nunca se deve esquecer de presentear os amigos.

E que diabo custa dar uma parte do que se furtou para obter tão bellos e seguros resultados?...

Agora nos lembramos de que nos desviámos um pouco do nosso caminho; desculpenos o leitor amigo esta digressão, que infelizmente não será a ultima. São os caturras e os viajantes muito dados a digressões, e nós temos a honra de nos apresentar de ambos os modos.

Se o espirito tem exigencias, mais imperiosas são as do estomago; e por isso será melhor deixar aquelle interessante assumpto, e irmos almoçar, que é meio dia.

Não são muito bem providos os restau-

rantes que se encontram até Sevilha; mas não lhes sentimos a falta, porque, para largamente nos banquetearmos, não foi preciso sahir do *wagon*.

Nunca se viu um viajante sem excellente appetite, e logo que o nosso se manifestou, desmascára o sr. Costa uma verdadeira bateria de caixas, latas e garrafas, onde figuravam com muita honra o picante queijo *Rocfort* e o magnifico moscatel. Não comemos, devorámos, salpicando tudo de alegres ditos, proprios de quem se sente feliz.

O ventre occupa uma posição inferior ao cerebro e coração, e é a fornalha d'esta machina, chamada o corpo humano; mas, como disse Napoleão, é o ventre quem move o mundo. Sem uma boa digestão, como serão possiveis as nobres acções, os pensamentos arrojados, os galanteios do amor?...

No trajecto de Badajoz a Sevilha avistam-se algumas villas e aldeias, em que se destacam as torres octogonaes das suas egrejas, parecendo-se mais com os minaretes de mesquitas, do que com os campanarios de templos christãos. São já reminiscencias arabes.

BIBLIOTECA DE ANDALUCIA Granada

E são vastos e ferteis os campos que a linha atravessa, divididos em folhas de trigo, montados, vinhedos, olivaes e pastagens. As oliveiras, na Andaluzia, em geral são pequenas, e apresentam a fórma de um cone invertido; cavado na base, e são ellas as que produzem as azeitonas de Sevilha, talvez as melhores do mundo.

É por essas campinas que se criam os corpulentos carneiros merinos, cujas macias lãs tanta nomeada têm. As costelletas d'estes animaes são saborosas, como as melhores de vitella.

Eis-nos, emfim, chegados á nobre cidade de Sevilha. Tinhamos gasto 25 horas a percorrer 582 kilometros, que tanta é a distancia de Lisboa áquella cidade. O preço de um bilhete de primeira regula por 12$000 réis; mas como já vimos, ha bilhetes de ida e volta a preços reduzidos pelas festas da semana santa e feira.

O auctor d'estas linhas teve que perder o bilhete de volta, porque os bilhetes são a praso muito curto, e quem quizer fazer uso d'elles muito poucos dias se póde demorar.

No emtanto ha facilidade em os vender na estação de Sevilha, com reducção de custo a contractadores, que em altas vozes perguntam se ha quem os venda.

Na estação, grande movimento de viajantes e trens. Conhece-se logo que se está ás portas d'uma grande cidade em tempo de festas.

Installados n'um *coche* de praça, ahi vamos em busca do hotel New-York, que o cocheiro nos indicára, incertos de n'elle achar aposentos.

Preços exorbitantes e apenas dois quartos para tres. Os proprietarios d'estes estabelecimentos projectam fazer sua fortuna á custa do estrangeiro durante as festas e a feira. Acham razoavel e naturalissimo duplicar os preços de tudo que o forasteiro tem necessidade.

Vamos ao hotel Madrid, que está fronteiro; preços ainda mais caros, e tambem dois quartos para tres; mas a apparencia do hotel é muito melhor.

Não faltam em Sevilha *fondas* e *pozadas* em casas particulares no tempo das festas,

e por isso ahi continuamos nós na odyssea de procurar aposentos.

Parece, porém, que o cocheiro estava feito com o dono do hotel New-York, e, ou fosse por este motivo, ou para fazer jus a mais algumas pesetas, levou-nos a umas poisadas de segurança duvidosa, onde predominava o cheiro a alho e toucinho frito; e por isso voltámos ao ponto de partida, não para o New-York, mas para o hotel Madrid, codilhando assim o cocheiro, que se vingou no aluguer do trem.

Quem fôr assistir ás festas de Sevilha póde alojar-se em casas particulares, onde nada lhe faltará por preços relativamente baratos, mas deve informar-se em Lisboa.

O Madrid é um hotel de primeira ordem, bem situado, e occupando um bello palacete. Como quasi todas as boas casas de Sevilha, tem á entrada um espaçoso pateo ajardinado com suas arcadas e galerias, sustentadas em pilares de marmore branco, e não lhe faltam fonte e lago no centro. Excellente serviço de mesa á franceza, e de quartos. Falla-se francez e inglez, o que aliás é vulgar em todos os bons hoteis da Andaluzia.

Nas galerias mesas de marmore com jornaes, onde podemos tomar o nosso chocolate matutino e o obrigado café depois de jantar. O preço regulou a sete duros por cabeça; mas havia quartos mais caros. Jantámos com appetite, e o *menu* era realmente convidativo.

Depois fomos passar uma vista d'olhos pela cidade.

Impressionaram-nos agradavelmente o animado movimento das ruas e praças, e as illuminações a gaz e luz electrica; e não menos os luxuosos estabelecimentos commerciaes com as suas *montras* monumentaes, em que se ostentam as modas de Paris, e as industrias da terra.

Deparámos em um d'elles com duas bellas andaluzas, de que logo se enamorou o nosso amigo Costa, e ainda hoje lhes estaria a admirar a plastica, enlevado nas fartas e negras tranças e no buço d'uma d'ellas, se nós, mais positivo e desilludido, o não chamassemos á realidade das cousas.

Mas voltemos ao hotel para descançar das fadigas do dia, nas nossas camas com colchões de arame.

A *bête* tem tambem os seus direitos, que é forçoso respeitar. O proprio Dom Quichote, que tanto personalisou o espirito, não desdenharia de descançar algumas horas, se estivesse no nosso caso.

Boa noite, pois, amigo leitor, e até ámanhã. O ámanhã é tão portuguez de lei...

CAPITULO IV

Em Sevilha

Estamos a 29 de março, quarta feira de trevas, anno do senhor de 1893. Se o tempo é para toda a gente um capital precioso, para o *touriste,* que dispõe de pouco tempo, é de um valor inestimavel.

Vamos portanto aproveital-o o melhor que nos seja possivel.

A FABRICA DE TABACOS. — Antes de começarem as festas, visitemos alguns estabelecimentos, que fecham durante ellas, e entremos na fabrica de tabacos, que bem merece a attenção do viajante.

O edificio com o seu terraço e os seus

claustros e quadras espaçosas nada offerece digno de menção sob o ponto de vista architectonico; mas trabalham ahi tres a quatro mil mulheres, e é lá que melhor se póde apreciar o typo sevilhano da rapariga do povo.

É um museu no genero, desde o moreno mais carregado até ao alvo de leite.

Não falta a rapariga de rasgados olhos negros, nem a esbelta moça de cabellos louros. Em geral formosas raparigas, com as quaes não soffrem comparação as cigarreiras das fabricas de Lisboa.

Trabalham em secções e aposentos separados, cada um dirigido e vigiado por sua matrona, Argus vigilante do trabalho e pudicicia alheia.

Logo que o viajante entra em alguma das divisões, toma conta d'elle a respectiva directora, e já o não larga emquanto no mesmo ha alguma cousa que ver, e lhe não dão algumas pesetas.

Por outro lado as cigarreiras não cessam de render finezas ao visitante, pedindo-lhe dinheiro, e não é pouco o que dispende o amador lamecha.

Disse-nos um dos directores da fabrica, com muita graça, que, ainda que cada viajante levasse um burro carregado de dinheiro, não chegaria para as exigencias de matronas e operarias.

Fabricam com muita pericia e presteza optimos charutos e cigarros, e são pagas, não ao dia, mas segundo o trabalho que produzem. A media do seu salario regula por uma a duas pesetas.

As que são bonitas dedicam-se mais á exploração do visitante; as feias trabalham com mais cuidado.

A direcção permitte que as operarias casadas levem para a fabrica os filhos creanças, de modo que ahi trabalham como em familia.

Emfim, o espectaculo d'esta fabrica é um dos mais curiosos de Sevilha, que não mais esquece, e todo o estrangeiro o deve gosar. D'alguns sabemos nós que preferem este a outro qualquer espectaculo, mas não queremos denunciar as fraquezas de ninguem.

Querendo póde o leitor condescendente acompanhar-nos ao decantado bairro de

Triana, onde, além de varias curiosidades, ha uma fabrica de faianças muito digna de ver-se.

Triana fica na margem direita do Guadalquivir e communica com a cidade por meio d'uma bella ponte de arcos abatidos, chamada de Izabel II, a qual póde rivalizar com as melhores do Sena, em Paris.

O bairro de Triana com o seu grande contingente de ciganos hespanhoes, composto de gente de varias proveniencias, é ainda assim o logar onde se conservam em toda a sua originalidade os costumes andaluzes; e é ahi que pulsa devéras o coração hespanhol.

Nos dias de festa e nos simples dias santificados, não cessa de se ouvir em Triana o ruido dos festins, das danças e d'essas poeticas e enthusiasticas canções hespanholas, que não tem rival em todo o mundo.

Mas entremos na fabrica de louças a *Cartuja*. É um excellente estabelecimento industrial, onde se fabricam, além das mais variadas louças, bonitos azulejos coloridos, em relevo, de que em toda a Andaluzia se faz muito uso.

Mas o que mais nos chamou a attenção, por ser um trabalho para nós de muita novidade, foi o fabrico de quadros em delgadas placas de louça.

Vimos desenhar e colorir alguns com muita arte e correcção, como se fôra em tela ou cartão. Em geral representam costumes andaluzes e principalmente episodios de touradas. As touradas em Hespanha dão sempre vasto assumpto para todas as bellas artes.

O barro é similhante ao da nossa louça de Sacavem; mas os esmaltes, desenho e colorido são incomparavelmente mais variados e mais perfeitos.

Desenham a côres directamente sobre os objectos por meio da palheta, e n'esta especialidade têm artistas de muito merito, ou lhes applicam moldes, cujos traços avivam a côres.

Na fabrica ha um museu, onde o viajante poderá comprar curiosas lembranças de objectos de louça os mais caprichosos e originaes.

A rapidez da nossa visita não nos permittiu proceder a mais demorado e minu-

cioso exame em um estabelecimento que muito honra a industria ceramica hespanhola; e por isso a nossa descripção não póde deixar de ser imperfeita e incompleta.

E nunca foi nossa intenção fazer um curso sobre o fabrico de faianças.

Dispômos de poucos dias, e o bom senso diz-nos que devemos aproveital-os, e é o que vamos fazendo.

Voltemos, pois, a Sevilha e vamos admirar o monumento mais imponente e grandioso da cidade, e um dos primeiros no mundo christão.

A Cathedral. — Quem ha ahi, que não tenha ouvido fallar da celebre cathedral de Sevilha? Pois quem a não viu, por muito viva que tenha a imaginação, está muito longe de imaginar o que seja esse soberbo monumento.

Quem pela primeira vez entra na cathedral de Sevilha fica assombrado de tanta magestade e grandeza!

Parece que toda uma geração de cyclopes e artistas gigantes andou a accumular, du-

rante seculos, no seu vasto recinto, os mais preciosos e variados materiaes, e a dispol-os com habilidade rara!

A cathedral de Sevilha com as suas cinco naves de extraordinaria altura e comprimento, com as suas capellas espaçosas, pateos e mais accessorios, occupa um perimetro de mais de mil e quinhentos metros quadrados!

A sua nave central é d'uma tal altura que, no dizer d'um viajante conceituoso, a mais alta torre de *Notre Dame* de Paris poderia passear-lhe debaixo.

As suas columnas são verdadeiros colossos. Tem o templo perto de duzentos metros de comprimento sobre uns oitenta de largo, e é servido por sete portas principaes, entrando-lhe a luz por muitas janellas e rosaceas.

A luz, escoando-se atravez das suas vidraças coloridas, em que se admiram artisticos desenhos, produz uns cambiantes verdadeiramente magicos!

O crente catholico não poderia achar templo mais digno da sua religião. Muitas são

as capellas da cathedral, guarnecidas de bellos quadros, desenhados pelos melhores mestres da eschola sevilhana; mas as mais notaveis são: a capella-mór com o seu magnifico tabernaculo de prata dourada; a capella real com porta especial para seu serviço, onde se guardam os tumulos de alguns reis e personagens, sendo uma d'estas a celebre favorita de Pedro o *cruel,* Maria Padilha; a capella em que repousam os restos mortaes de Fernando Colombo, filho do celebre navegador; a capella do baptisterio, de que adiante nos occuparemos, e muitas outras.

É perto da capella de Fernando Colombo que se levanta, pelas festas da semana santa, uma especie de altar-mór, chamado o *monumento.*

Dizem ser deslumbrante pela sua riqueza e sumptuosidade. Segundo nos informaram, ardem n'elle trezentas e sessenta e cinco lampadas de prata e mil e quinhentas tochas!

Não se levantou no anno presente, nem as festas da cathedral tiveram o brilho dos outros annos, por se andar fazendo obras de restauração em algumas naves.

Mas o que n'estas capellas ha mais digno de demorado exame e admiração é o quadro de Santo Antonio, de Murillo, guardado na capella do baptisterio.

Dizem os entendedores que é a melhor pintura do grande mestre, e é realmente uma obra prima.

É uma grande tela, em que figura o santo em extasis, ajoelhado na sua cella. A Santo Antonio, immerso em preces, com a macerada physionomia do crente, a ponta do pé direito fortemente apoiada no pavimento, apparece o menino Jesus, rodeado de anjos e cherubins, como que a querer soltar-se das nuvens e a cahir-lhe nos braços, que o santo tem abertos e estendidos para o céo.

O menino está desenhado com um tal vigor d'arte, que parece ter os braços soltos da tela, e estar a precipitar-se das nuvens; e no rosto do santo irradiam os sentimentos de gloria e do mais puro contentamento.

Os quadros de Murillo são particularmente notaveis pelas expressões physionomicas, que elle, como ninguem, sabia imprimir aos seus

personagens, e n'este ponto, como a outros respeitos, é o quadro de Santo Antonio de superior merecimento.

Ha annos, um ladrão, que achára meio de ficar escondido na cathedral, cortou a tela da moldura e furtou-a, fugindo para a America. Pensava fazer assim a sua fortuna; mas o governo hespanhol, por meio dos seus agentes no estrangeiro, tomou logo as suas medidas para ser preso o audacioso gatuno e apprehendido o quadro. E, sentindo-se o ladrão descoberto, foi entregar o quadro por pouco dinheiro a pessoa que o restituiu á cathedral, e se comprometteu a não denunciar o ladrão. Depois foi o quadro serzido á moldura, conhecendo-se perfeitamente a linha do córte.

Para os sevilhanos não haveria dinheiro que lhes pagasse o seu quadro de Santo Antonio.

Existe na sacristia maior o thesouro da cathedral, encerrando preciosidades de alto valor artistico e historico em ouro, prata, pedras preciosas e outras materias; e entre ellas é digna de notar-se uma rica e formi-

davel custodia de prata, de tal peso e tamanho, que nas raras procissões em que se ostenta são necessarios vinte e quatro homens para a conduzirem!

É n'este thesouro que se acha guardada uma das chaves da cidade, que o rei mouro entregou ao catholico, quando S. Fernando tomou Sevilha.

Na cathedral de Sevilha podem ver-se amostras de estylos architectonicos de todos os tempos e de todas as escholas, desde as remeniscencias arabes até ao gothico e romano; mas é o gothico que predomina. Nem isso é de extranhar, porque a cathedral foi uma magnifica mesquita, e depois da conquista tem passado por muitas transformações e accrescentamentos.

Ha contiguo um vasto pateo, chamado dos *Naranjos* (laranjeiras), por ter algumas d'estas arvores; já existia no tempo da conquista, e as suas paredes, e algumas de suas portas, são dignas de exame por causa dos seus ornatos e arabescos.

Uns, sustentam que são originaes do tempo da dominação agarena, outros, que são imi-

tações, ou restaurações; mas, seja como fôr, são bastante notaveis.

Deixámos para o fim d'esta descripção a bella torre da cathedral, a que chamam a *Giralda*.

É um monumento digno do templo, a que está juncto. Os sevilhanos o têm em tanto valor, que o brazão de armas da cidade é a *Giralda*, sustentada nos braços por Santa Justa e Rufina, as padroeiras de Sevilha.

Restaurada ha poucos annos, é esta torre um genuino specimen de architectura arabe.

Segundo uns, foi mandada levantar pelo famoso emir Almansor para minarete da mesquita, porém, segundo outros, foi destinada para observatorio astronomico.

É quasi toda construida de tijolo vermelho, tendo nas suas faces bellos ornatos e relevos da mesma materia.

Pena é que, alguns seculos depois da conquista, fosse alteada em estylo inteiramente diverso; mas fez-se muito d'isto nos monumentos arabes da Andaluzia.

Como já vimos, as torres dos templos são

em geral de fórma octogonal n'esta provincia, mas a *Giralda* é quadrada.

Até aos primeiros balcões, altura da torre na sua primitiva, sobe-se por um caminho em espiral, composto de pequenas rampas em ladrilho, solidamente cruzado, de modo que até alli se poderia subir a cavallo; mas o peior seria a volta.

A *Giralda* terá actualmente os seus oitenta a noventa metros de altura, mas a parte mais antiga pouco mais devia ter de metade. Vai estreitando á medida que se vai subindo, porém tão insensivelmente, que se não percebe.

Ha n'esta torre um relogio fabricado por um frade, que passa por ser uma peça notavel em obras d'esta qualidade.

Na flecha tem a *Giralda* como catavento a estatua da Fé, em bronze, a qual é tão sensivel á mais ligeira briza, que gira com extrema facilidade, não obstante o seu grande peso.

É d'aqui que á torre veio o nome de *Giralda*.

Uma ascensão á *Giralda* é obrigada para

todo o *touriste,* que não estiver totalmente tropego, já porque é um monumento muito digno de ver-se, e já principalmente porque é d'esta torre que se gosam os mais vastos e esplendidos panoramas de Sevilha.

D'ahi se vê toda a cidade estendida no centro de uma immensa bacia de verdura, cujos bordos são orlados por alterosas montanhas a um raio variavel de quinze a trinta kilometros.

É como a formosa odalisca, reclinada indolentemente em leito de boninas, na margem esquerda do poetico e saudoso Guadalquivir.

Atravessados pela corrente d'este rio se estendem os vastos campos de Sevilha, divididos em frescas hortas e pomares, e em magnificas quintas.

Mas desçamos a torre e vamos ao *Passeio das Delicias.* Corramos de carruagem as suas extensas e formosas avenidas, fazendo escala pelo palacio de S. Telmo.

Este bello palacio é actualmente residencia dos duques de Montpensier, e é uma das mais sumptuosas residencias principescas da Hespanha.

Foi edificado no seculo XVI, e destinado para eschola de orphãos e vadios, que deveriam ir servir na marinha hespanhola.

É um edificio quadrangular com pequenas torres nos angulos e magnificos jardins contiguos.

Mas o que mais o faz realçar é a sua situação juncto ao encantador *Passeio das Delicias*.

É este passeio um dos mais bellos e bem situados da Europa.

Illuminado pelo brilhante sol da Andaluzia, correndo em grande extensão pela margem esquerda do Guadalquivir, composto de largas e compridas avenidas para carruagens e cavallos, e aos lados de bonitos jardins com suas estatuas de marmore, o seu nome é perfeitamente apropriado, porque é realmente uma delicia.

Nas tardes e noites amenas é muito concorrido pelo que ha de mais distincto e illustre na cidade; mas é na primavera e no verão que se torna mais brilhante por causa das suas esplendidas illuminações e divertimentos que ahi se exhibem.

Quem é que, gosando esta deliciosa estancia, se não esquecerá de todos os pezares e cuidados da vida?!.

Felizes mortaes, que podem espairecer n'este eden de delicias!..

«Quem não ha visto Sevilha, não ha visto maravilha...»

Mas outro assumpto muito diverso, e não menos interessante, chama a nossa attenção. E, como estamos em quinta feira maior, vejamos como observadores conscienciosos.

As festas e procissões da semana santa. —Dedicaremos ao exame das festas a quinta e a sexta feira, e vale bem a pena.

As festas constituem uma das primeiras curiosidades da cidade, que não devemos nem podemos perder.

Tomemos assento por algumas horas na praça de S. Francisco, tambem chamada da Constituição.

O espectaculo é realmente interessante, porque, além das procissões, que desfilam a pequenos intervallos, quando não seguem umas após as outras, o observador terá muito

em que entreter a vista e o ouvido, n'um publico de typos estrangeiros com as *toilettes* mais elegantes e variadas, fallando diversas linguas.

A praça com os seus candieiros monumentaes, illuminada a gaz e luz electrica, é uma das primeiras de Sevilha, e para ella deita a principal fachada do palacio do *Ayuntamiento,* edificio muito notavel da Renascença.

É aqui que deve tomar posição o *touriste* que desejar examinar bem de perto as procissões, pois que é o local obrigado para todas ellas.

N'esta praça ha fileiras e fileiras de cadeiras, que se alugam a peseta cada uma, e o observador apenas terá o trabalho de escolher a posição que mais lhe agradar.

Não vale a pena alugar janellas, como fazem alguns viajantes inexperientes, já porque ficam carissimas, já porque d'ellas se não vêem tam bem as procissões, que devem ser vistas de perto.

Muitas são as egrejas e irmandades de Sevilha, e poucas serão as que não põem

procissões na rua; e, como todas ellas passam na praça de S. Francisco, imagine-se a quantidade de magnificos cortejos que aqui podem ser vistos!

Ha procissões que passam altas horas da noite, como é a dos lavradores, que passa ás duas da manhã; pois é tão interessante o espectaculo, que, ainda assim, tem milhares de espectadores!

Em magnificas cadeiras de espaldar se acham sentados, no portico do palacio do *Ayuntamiento,* o senhor alcaide e outros personagens municipaes, e aqui param as procissões, quando os andores chegam defronte; e logo alguns dos irmãos, na frente do primeiro andor, que está voltado para o portico, a elle se dirigem como que a pedir venia ao senhor alcaide para o cortejo continuar sua marcha.

Levanta-se o magistrado, e, recebidas e retribuidas as saudações, voltam os irmãos e o andor para a linha do trajecto, e a procissão continúa sua marcha interrompida.

É um costume original, que não sabemos

haja em funcções d'estas, em qualquer parte do mundo christão.

Mas o que n'estas procissões apparece de mais notavel e digno de admirar-se são os andores e as vestes dos irmãos.

Além da originalidade, são de uma riqueza e sumptuosidade deslumbrantes.

Os irmãos vestem tunicas de seda, apertadas na cintura, ou soltas ao vento, com seus capuzes conicos muito altos, de que faz parte uma especie de mascara, e calçam sapatos com fivelas de prata, e luvas de pellica pretas, ou brancas.

Ha tunicas de seda azul, branca, preta, roxa, e ha-as de qualquer d'aquellas côres com os capuzes de côres diversas.

Muitos d'elles levam pendões, bandeiras, e outros emblemas de velludo, franjados e artisticamente bordados a ouro.

N'estas procissões toca de ordinario marchas funebres alguma das bandas dos regimentos aquartelados em Sevilha, que as têem excellentes.

Como se vê, são vestes talvez uniças em funcções d'esta ordem.

"

São, porém, os andores que causam verdadeira admiração ao estrangeiro não acostumado a espectaculos d'estes.

São enormes e de uma riqueza e valor artistico extraordinarios.

Alguns d'elles medem quatro a cinco metros de comprimento por tres a quatro de largura, e são transportados por turnos de dezeseis a vinte homens, que se revezam; e, como a vista lhes é interceptada por pannos de velludo franjados a ouro, que cobrem os andores, são dirigidos por um guia, que lhes indica o caminho a seguir.

Ha andores com magnificos doceis de velludo, franjados e bordados a ouro, sustentados em varas de prata, ou de madeira prateada.

Em geral têm bellos relevos e ornatos em talha de madeira dourada, e lampadarios tambem dourados.

Figuram nos andores muitos personagens biblicos, e episodios da paixão de Christo, e alguns d'elles levam vestes tão ricas pelos tecidos de que são feitas, como pelo trabalho artistico dos seus bordados a fio de ouro;

mas as que mais chamam a attenção do observador são os mantos das senhoras.

São todos de velludo profusamente recamados de esplendidas bordaduras de ouro, em que o artista exgottou todos os recursos da sua habilidade nos desenhos e na execução do trabalho. E não é raro ver n'elles pedras preciosas de subido valor. As suas caudas são tão compridas, que ainda cahem para baixo dos bordos dos compridos andores!

Para se fazer ideia do valor d'estes extraordinarios mantos, bastará dizer que, ha poucos annos, uma opulenta devota offertou a uma Senhora das Dores um manto, que custára trinta e seis contos de réis!

E nós, que os vimos, não achamos a quantia exaggerada.

Estrangeiros, que viram as festas da semana santa nas cidades onde se fazem com mais pompa e riqueza, como em Roma e outras, são accordes em sustentar que em parte alguma se fazem as procissões com o brilho e riqueza das de Sevilha. E cumpre ainda notar que as estatuas dos santos são,

em geral, bellos trabalhos de esculptura, dignos dos andores, onde se ostentam.

Emfim, só para ver os andores merece a pena ir a Sevilha.

Mas vamos assistir a um outro espectaculo religioso, que não tem os deslumbramentos das procissões, mas que nos pareceu muito sympathico.

A FUNCÇÃO DE SEXTA FEIRA SANTA NA EGREJA PROTESTANTE. — Assistimos n'este dia, na egreja protestante, á festa, e não perdemos o nosso tempo. Quando entrámos estavam as bancadas quasi todas occupadas por homens e damas, irreprehensivelmente vestidos, mas sempre achámos um banco, onde nos accommodar.

Começou a solemnidade por uma musica suave e melancholica, executada no orgão, como que a elevar-nos em espirito ás regiões ethereas.

Depois appareceu um sympathico sacerdote, que, como um poeta, recitou os officios do dia com voz commovida e sentimental; e a intervallos elle e os assistentes entoavam

psalmos alternadamente, em musica de notavel harmonia.

Era a arte musical, n'uma das suas expressões mais elevadas, posta ao serviço do mais puro sentimento religioso, commemorando o sublime sacrificio do Deus philosopho.

Mas é condição de todos os actos da vida, ainda os mais serios, terem tambem o seu lado comico, e este não fez excepção á regra. Foi o caso que um sacrista qualquer, fazendo de nós bisonhos neophytos, nos estava constantemente a impingir biblias abertas para sabermos em que alturas ia a funcção — a nós, que apenas alli estavamos como amadores curiosos de um espectaculo que desconheciamos.

A gargalhada esteve a ponto de estalar ruidosa, e imagine-se o escandalo em um acto tão serio e sympathico, em que o orgulhoso inglez guarda a maior gravidade e compostura.

Temos na mais elevada consideração, e faz-nos pensar o respeito com que os inglezes assistem aos seus actos religiosos: é que

elles encaram a serio todas as situações graves da vida. O inglez poderá ser excessivo, depois dos seus trabalhos do dia, fazer orgias, e cahir embriagado para debaixo das mezas dos seus festins; mas ninguem, como elle, tracta mais a serio todos os actos da vida que demandam seriedade.

É por isso que a Inglaterra será sempre uma grande nacionalidade.

É na verdade muito mais digno ser francamente livre pensador, do que ir para os templos rir, namorar, tractar de futilidades e negocios, como nós fazemos.

Ponham de parte o que as religiões têm de barbaro e ridiculo que todas para nós merecem egual respeito, se as suas ceremonias e culto são exercidas com a sinceridade digna do verdadeiro crente.

Contigua ao templo protestante ha em Sevilha uma egreja evangelica, onde tambem entrámos, mas pouco interesse nos offereceu. Estava recitando um sacerdote sem ouvintes, e por isso foi rapida a nossa visita.

Casa de Pilatos. — Visitámos n'este dia

a celebre casa de Pilatos. Não se pense que o famoso proconsul romano teve em Sevilha algum solar cujos restos ainda existam. Nem se imagine que estamos em Jerusalem, no Pretorio, onde Pilatos quiz salvar da plebe ignara e enfurecida o poetico e sublime revolucionario, accusado de impiedade e de perturbador da ordem publica. Nada d'isso.

A casa de Pilatos, de que nos occupamos, é uma das curiosidades de Sevilha, que o *touriste* não deve deixar de ver.

Monumento unico no seu genero, é principalmente debaixo d'este ponto de vista que merece uma visita.

A casa de Pilatos, construida no seculo XVI, foi mandada edificar por um abastado fidalgo hespanhol, o marquez de Tarifa.

Parece que, tendo o marquez ido em peregrinação á Terra Santa a satisfazer algum voto de piedade, quiz no seu regresso reproduzir em Sevilha a casa que Pilatos occupara em Jerusalem, e onde Christo foi julgado.

Mas como reproduzir essa casa? Ainda existiria n'aquelle tempo, e quando existisse, não estaria desfigurada?

Em verdade é licito duvidar da authenticidade do original, que não poderia resistir á acção de dezeseis seculos, e do vandalismo dos homens, em Jerusalem, theatro de tantas guerras e assolações.

Se é duvidoso saber ao certo o logar onde foi o golgotha, como averiguar qual tenha sido a casa de Pilatos, se ainda existia, que compartimentos tinha, e qual a sua fórma?! (1).

Assim, a casa de Pilatos em Sevilha deverá ser uma creação da phantasia do marquez, ou de quem para ella lhe deu o risco.

Como quer que seja, o certo é que o marquez mandou dividir a construcção em compartimentos correspondentes áquelles, onde a historia diz se passaram os principaes episodios da paixão de Christo.

Assim, um tem o nome de Pretorio, que é o mais luxuoso, outro de gabinete de Pilatos, outro de casa onde cantou o gallo, etc.

---

(1) Chateaubrian nas suas viagens, de *Paris* a *Jerusalem*, sustenta que ainda existem os restos da casa de Pilatos, e que o monte do Calvario fica dentro do recinto reservado para a egreja do santo sepulcro; não falta, porém, quem impugne a authenticidade d'aquelles logares.

O edificio pouco vale debaixo do ponto de vista architectonico, se exceptuarmos alguns compartimentos dignos de ver-se.

Tem um pateo com uma elegante fonte de marmore, assente em quatro golfinhos, e ha nas suas galerias muitos azulejos, e algumas arcadas em estylo arabe, sustentadas em columnas de marmore. Os seus tectos artezoados são de madeira de cedro.

Hoje pertence o palacio aos duques de Medina Celi, e é considerado como um objecto de museu, cuja visita se não nega aos estrangeiros.

Satisfeitos do modo como aproveitamos o dia, vamos descançar algumas horas da noite, á espera do dia 1.º de abril, em que ainda temos muito que ver.

Era o dia em que Christo se levantara radioso do tumulo, quebrando os laços da morte, um dos mais solemnes da christandade. Mas Christo resurgiu realmente da morte, mostrando assim a sua origem divina? A sua resurreição foi um mytho inventado pelos seus discipulos e companheiros? O cadaver seria raptado da campa, e

escondido n'outro logar? Christo seria aqui depositado em estado hypnotico, e depois chamado á vida?

Questões são estas, que hão de sempre ficar sem solução satisfatoria, quer sejam encaradas debaixo do ponto de vista das crenças, quer das sciencias historicas e criticas. Mas o crente christão considera sempre este dia como um dos mais notaveis da sua religião.

E antes de apparecer a *alleluia,* vamos dar um passeio na margem do rio, até á

Torre d'el Oro. — É um monumento antiquissimo com a fórma de dois cylindros sobrepostos, o superior de muito menor diametro.

Dizem que, no tempo da dominação arabe, communicava com o *Alcazar,* que fica a pequena distancia, e era uma posição militar para defeza da cidade e passagem do rio, em cuja margem direita se acha.

D'esta torre, como da *Giralda,* se gosam arrebatadores panoramas.

Na epocha, em que Sevilha chegou ao

apogeo da sua grandeza, depois da descoberta do Novo Mundo, era na Torre d'el Oro que se depositavam as riquezas vindas das novas conquistas, de cujo commercio a cidade tinha o monopolio.

Hoje é a Torre d'el Oro um simples posto semaphorico, frequentado, não obstante, pelo *touriste,* ou amador das esplendidas vistas de Sevilha e do Guadalquivir. É perto d'esta torre que lançam ancora os maiores navios, que sobem de S. Lucar até Sevilha.

O Museu. — Sevilha possue tambem o seu museu de pintura, onde se guardam muitos dos quadros de Murillo, e alguns de outros mestres.

Nas galerias d'este museu acham-se em exposição alguns restos das esculpturas, achadas nas ruinas de Italica.

Era Italica uma antiga cidade romana, outr'ora florescente, em que nasceram os imperadores Trajano e Adriano, a qual ficava a pequena distancia de Sevilha; os habitantes d'esta cidade chamam a Italica Sevilha a velha.

Uma das fachadas do museu deita para a praça ajardinada de Murillo, assim chamada, porque, ha poucos annos, n'ella se levantou uma estatua de bronze ao grande mestre, uma das maiores glorias da Hespanha.

O pedestal d'esta estatua não tem inscripção alguma, e apenas em uma das suas faces se lê — Murillo.

Tão celebre e tão conhecido é Murillo em todo o mundo civilisado, que basta ler-lhe o nome para logo se ficar sabendo onde e em que tempo nasceu, e como foi o primeiro pintor da Peninsula, e um dos mais notaveis do mundo.

Na secção de esculpturas ha muitas estatuas, mais ou menos mutiladas, bastantes baixos relevos, e algumas urnas funerarias, admirando-se entre ellas as estatuas dos imperadores Trajano e Adriano, em vulto natural, feitas de marmore branco. São obras de merecimento.

Não é grande a secção de pintura, mas torna-se muito notavel e digna de ser examinada, por causa da collecção de quadros de Murillo, com que a enriqueceram.

Além de outros, destacam-se entre elles alguns das suas virgens, e sobre tudo o quadro de S. Thomaz de Villa Nova.

Basta ser simples amador para distinguir de outros quaesquer os quadros do grande mestre. Assim, as virgens de Murillo distinguem-se e insinuam-se, no sentimento esthetico do observador, pelas expressões physionomicas, onde a par da formosura feminina se admiram a candura e o mais puro sentimento religioso da virgem, predestinada a representar o primeiro papel entre todas as mulheres. Os olhos d'estas virgens são da mais bella e limpida expressão de bondade, e parecem illuminados por luz divina.

Mas S. Thomaz de Villa Nova, que foi bispo de Valencia, e se distinguiu pela mais acrisolada caridade, é que é realmente uma obra prima.

De mitra e baculo, com a expressão de um justo, está á entrada da sua cathedral, de pé, rodeado de pobres, aos quaes distribue as moedas, que tirára de uma bolsa, e se vê despejada em cima de uma mesa. Nos semblantes dos pobres facilmente se advinham

os sentimentos de esperança, de contentamento e curiosidade, que o mestre lhes quiz imprimir.

Ha artistas que julgam este quadro egual, senão superior, ao de Santo Antonio, a que n'outro logar nos referimos.

Não deixaremos de mencionar um quadro moderno, intitulado a *Primeira Missa,* tão notavel na concepção, como no vigor e firmeza da execução.

É uma tela bastante espaçosa, tendo ao fundo o novo levita, cercado de ecclesiasticos e amigos; logo que entra na casa paterna, finda a solemnidade da missa, lança-se-lhe nos braços a mãe, e esconde-lhe nas vestes sacerdotaes o rosto banhado em lagrimas de puro contentamento; e vê-se um pouco afastado o pae, um pobre lavrador, que mal póde disfarçar, com o canhão da jaqueta nova, as lagrimas de commoção a deslisarem-lhe das faces enrugadas, vendo alfim coroados os seus esforços, e o filho elevado ao sacerdocio.

É de Alcazar Tejedor, um dos melhores pintores hespanhoes da actualidade.

BIBLIOTECA DE ANDALUCIA · Granada ·

Mas gastemos as horas, que nos restam do dia, no exame do mais esplendido monumento de Sevilha.

O Alcazar. — O *Alcazar* de Sevilha é uma das reliquias da civilisação arabe nas Hespanhas, onde vale a pena demorar-nos algum tempo. Era a antiga residencia fortificada dos reis mouros de Sevilha.

Conquistada a cidade por S. Fernando, em 1248, foi o *Alcazar* escolhido para palacio real, sendo successivamente habitado por Pedro o cruel, João II, Carlos V, Filippe II e outros monarchas hespanhoes.

É por isso que no *Alcazar* se têm succedido os accrescentamentos e as restaurações, algumas d'ellas com bem pouco criterio artistico.

Pouco resta da estructura e ornamentações primitivas do palacio, e o que ainda existe acha-se mesclado com decorações e arabescos de phantasia, ou imitações do mais puro estylo da Alhambra do seculo XV.

Nas suas principaes salas e galerias notam-se columnas com capiteis romanos, sus-

tentando arcos á moda arabe, em fórma de ferradura, e balcões gothicos embutidos em frisos ornados de bellos arabescos, como se vê no entablamento da porta principal.

Não obstante este e outros defeitos, que só o artista experimentado poderá devidamente apreciar, o profano, que ainda não viu a Alhambra, ao entrar nas galerias do *Alcazar,* na *sala dos embaixadores,* ou no *pateo das donzellas,* fica deveras maravilhado ao contemplar as suas imponentes arcadas e os seus complicados ornatos e arabescos, em fundo de côres. É que a architectura, os rendilhados e ornamentações arabes são de uma variedade tão opulenta, são de um gosto tão puro e delicado, que ainda até hoje não acharam superior, e nem mesmo egual: as proprias imitações nos seduzem e encantam.

A *sala dos embaixadores,* de fórma quadrangular, com os seus arcos firmados em columnas de marmore branco, de ordem jonica, offerecem-nos um aspecto solemne e elegante; e não menos bellos são os pateos das *donzellas* e das *bonecas.*

São estes compartimentos revestidos, até

á altura de um homem, de magnificos azulejos de diversas epochas, com variados desenhos a côres, alguns em relevo, e os seus tectos são de madeiras odoriferas, lavradas em figuras e artezões.

Mas o que encanta deveras o observador não acostumado a estes espectaculos, são os entablamentos das galerias, divididos em pequenas figuras rhomboidaes, ostentando formosas decorações em relevo, moldadas em estuque, em fundo dourado ou pintado a vivas côres, azul ou carmezim.

Não tem, é verdade, nos seus detalhes, a pureza e correcção de trabalhos identicos na Alhambra; mas são, ainda assim, de muito merecimento, e no seu conjuncto apresentam deslumbrante perspectiva. Nas cintas horizontaes dos frisos e nas verticaes aos capiteis das columnas ha varios lavores coloridos, e em algumas d'ellas inscripções em caracteres cuficos.

A estes bellos aposentos andam ligadas lendas e historias, umas tragicas e outras romanticas.

Foi na *sala dos embaixadores* que, segundo

dizem, assassinaram o infante D. Fradique por ordem de seu irmão, D. Pedro o cruel, suspeitoso da fidelidade da victima.

E, segundo a tradição, era no *pateo das donzellas* que se apresentava, todos os annos, o tributo de cem das mais bellas raparigas, que os reis de Leão pagavam ao rei mouro de Sevilha.

Era uma magnifica remonta, que o feliz mouro fazia todos os annos para prover de bonitas moças o seu serralho.

Parece que do pagamento do tributo veiu o nome áquelle pateo.

O *Alcazar* tem muitos outros aposentos e galerias, muitos d'elles de construcção christã, e quasi todos os do andar superior são d'esta origem.

Não deixaremos de mencionar a casa de banhos de Maria Padilla, a favorita de D. Pedro o cruel.

Eram estes banhos em espaçosos tanques de marmore ordinario, situados n'uma vasta quadra abobadada, abaixo da superficie do solo. Tem más condições de luz, e mais parecem os banhos de uma penitenciaria, do

que o mysterioso e perfumado recinto, onde devia refrescar-se uma bella favorita, como era Maria Padilla.

Conta-se que os cortezãos de Pedro costumavam assistir com o seu rei aos banhos da favorita, e que, depois d'ella se banhar, por galanteria bebiam da agua do banho; mas que, em certo dia, um fidalgo a isso se recusou, e como o rei lhe perguntasse a razão, respondera: «que receiava provar do molho, porque podia depois desejar a perdiz».

É claro que D. Pedro se rendeu a esta convincente razão. A tradição não nos diz se a favorita tomava o seu banho despida ou vestida.

Antes de ser favorita, foi Maria Padilla uma simples rapariga ao serviço de uma familia nobre; mas o seu espirito, a sua peregrina belleza e as suas seducções captivaram de tal sorte o terrivel monarcha, que por duas vezes abandonou a rainha, Branca de Bourbon, importando-se pouco com as conveniencias e razões de estado.

Contra a influencia da favorita se urdiu uma perigosa liga, constituida pela primeira

nobreza castelhana; o rei, porém, soube destruil-a, fazendo encarcerar a rainha em uma fortaleza.

O amor de D. Pedro a Maria Padilla nunca se desmentiu, e, morta ella, mandou-lhe celebrar pomposas exequias.

Ha n'este episodio bastante de commum com o de D. Ignez de Castro, que aconteceu na mesma epocha.

Tem o *Alcazar* uns jardins contiguos, dignos de se verem, supposto que a sua conservação deixe muito a desejar.

As suas ruas, orladas de myrto, buxo e outros arbustos, têm o pavimento de azulejo, alternado com ladrilhos. Ha n'ellas grande quantidade de buraquinhos imperceptiveis, d'onde, n'um dado momento, repuxam pequenos jactos de agua em todas as direcções, formando uma verdadeira chuva artificial.

É uma bomba convenientemente collocada em sitio que se não vê, que produz o milagre.

Foi uma invenção galante de D. Pedro para surprehender as damas do paço, quando se recreiavam pelos jardins, e para gosar a debandada e os seus agudos gritos feminis.

Estes jardins têm abundancia de agua em lagos, tanques e fontes, e arvores muito antigas, figurando entre ellas magnificas palmeiras.

A palmeira dá-se na Andaluzia, como na Arabia, e é obrigada em todos os passeios e jardins.

Um outro espectaculo, bem diverso, chama a nossa attenção e o nosso criterio, é

Uma tourada em Sevilha. — Uma praça de touros é edificio indispensavel em todas as povoações de Hespanha, de alguma importancia. Por isso Sevilha, a capital da Andaluzia, não podia deixar de ter a sua.

É um immenso amphytheatro com suas bancadas de marmore, coroado por uma galeria coberta em toda a sua circumferencia, e composta de pequenos arcos romanos, sustentados em elegantes columnellos de marmore branco.

Estava annunciada para Domingo de Paschoa, 2 de abril, esplendida tourada, espectaculo sempre querido ao povo hespanhol, que ahi costuma dar largas ao seu enthusiasmo meridional.

Não terá o hespanhol alguns quartos para comprar um pão; mas, assim como o jogador tem sempre meio de arranjar dinheiro, o hespanhol nunca deixa de obter bilhete para assistir a uma tourada de nome.

E nós, que ainda não tinhamos visto uma tourada á hespanhola, claro está que nos munimos de bilhete para assistir ao espectaculo, não tanto como amador, como para observar o que desconheciamos.

Será mau gosto, mas francamente não gostámos.

Achamos que nas touradas portuguezas ha mais elegancia, mais asseio, e não menos arte e coragem. É debaixo d'estes pontos de vista que encaramos a questão, e não pelo lado sentimental e piegas.

Dividem-se as touradas hespanholas em tres partes distinctas, que vamos descrever: Na primeira é o touro espicaçado por uns sujeitos, armados de compridas lanças guarnecidas de púas, montados em cavallos lazarentos; e são estes miseros animaes, que aguentam os primeiros impetos do touro desembolado e furioso.

O touro, atacado logo ao sahir do curro pelos cavalleiros, que não cessam de lhe cravar no cachaço os ferros das lanças, investe com os cavallos, que, sem arte nem força para lhe fugirem, ficam quasi sempre mortos na arena, não sem trabalharem até aos ultimos alentos vitaes. E é muito frequente vel-os correr com cambolhadas de tripas sahindo-lhes da barriga.

Os cavalleiros vão defendidos por armaduras, mascaradas pelo fato de toureiro, e por isso apenas soffrem algum boléo; e quando cáem, é preciso pôl-os em cima dos cavallos, porque as armaduras lhes embaraçam parte dos movimentos.

Esta primeira parte não é só barbara, é tambem sordida, e em nada falla ao enthusiasmo do valente e ao sentimento do artista: o seu fim é enfraquecer o touro, tirando-lhe bastante sangue, e preparal-o para a sorte do espada.

Segue-se a segunda parte, a mais elegante e a que, nos parece, demanda mais arte, e talvez mais arrojo e coragem.

É o trabalho dos bandarilheiros, dos pas-

ses de capa e outras sortes, em que tanto se distinguiram os nossos irmãos Robertos, e em que alguns hespanhoes são realmente muito destros.

A ultima parte é a da sorte do espada, que mata o touro, quando mata.

É possivel que nos enganemos, mas para nós não tem a difficuldade e o merecimento, que muita gente lhe attribue.

Enfraquecido e estonteado o animal nas duas primeiras partes do espectaculo, ainda o espada e os seus ajudantes o entontecem mais com as capas, até que lhe dê a desejada sorte; mas não se imagine que o touro cáe logo, como que fulminado, á primeira estocada, como imaginavamos.

Vimos um, que só á oitava estocada cahiu, e de seis touros só um morreu ao primeiro golpe, vibrado por Bonarillo.

Nas touradas em Hespanha não ha tempo de lidar mais de cinco ou seis touros, pois que ha animal que leva uma boa hora a correr até á sorte do espada.

Vê-se, portanto, que nas touradas hespanholas não ha arte, nem coragem superiores

ás portuguezas; nem n'ellas ha nada que se compare ao trabalho elegante e artistico dos nossos picadores a cavallo, quando sabem do officio.

Mas narremos um episodio da corrida, que nos dizem não ser raro nas touradas hespanholas. Foi uma manifestação do *Sol* contra a auctoridade, que presidia ao espectaculo.

Como um dos touros não se prestasse á sorte do espada, e o espada mostrasse impericia, ou pouca felicidade na sua arte, exigiram os espectadores, em altos gritos, que o touro fosse retirado da arena; porém a auctoridade insistiu para que o bicho fosse lidado até ao fim, como effectivamente foi.

D'aqui uma balburdia dos demonios.

Quasi todos os espectadores do *Sol* fizeram um verdadeiro *motim*, quebrando os bancos e cadeiras das galerias, que invadiram, e arremessando-os pelas escadas do amphytheatro. Houve feridos, e um tal panico, que alguns espectadores pacificos e timoratos se safaram para suas casas.

Pareceu-nos que a auctoridade nem teve

prudencia para evitar o *motim,* nem força para o reprimir, apesar da intervenção da policia e da guarda civil.

Se fosse em Portugal, a terra classica das criticas apaixonadas, onde toda a gente sabe criticar, mas poucos sabem fazer, seria a auctoridade severamente censurada pela imprensa; na Hespanha, porém, passou o caso como moeda de boa lei.

Ainda houve outro episodio não menos curioso, e de côr local.

Mostrando-se um dos matadores inhabil para a sorte do espada, mandou-o a auctoridade retirar da arena; e como elle teimasse em dar cabo do touro a golpes desordenados, foi preso.

Interveiu, porém, o publico em favor do homem, como juiz entre as duas partes, e a auctoridade mandou-o soltar. Parece que estes casos são muito frequentes em touradas hespanholas.

Findo o espectaculo, fomos assistir a um outro divertimento menos ruidoso, mas de que gostámos muito mais.

Eram umas danças andaluzas de côr per-

feitamente local, dadas em honra dos estrangeiros, hospedes do hotel Madrid, diziam, mas que costavam a duro por cabeça, afora os extraordinarios.

Assistia um titular russo, que a cada dançarina dava um duro, que atava em lenços por ellas atirados para cima dos joelhos do generoso personagem.

O fandango, os boleros, as seguidilhas, as malaguenhas e outras danças foram ahi gentilmente desempenhadas com a graça e salero que tanto caracterisam as esbeltas filhas do Guadalquivir, ao som da classica castanheta e de outros instrumentos.

A nossa viagem pela Andaluzia ficaria incompleta se não assistissemos a um espectaculo d'este genero.

SEVILHA DEBAIXO DE OUTROS ASPECTOS. — Sevilha foi, depois da descoberta da America, a primeira cidade da Hespanha, chegando a ter 400:000 habitantes, hoje reduzidos a um quarto, se tanto.

Situada n'um solo abençoado, banhada pelo caudaloso e poetico Guadalquivir, foi

uma cidade muito rica, quando tinha o monopolio do commercio do Novo Mundo; e ainda hoje o seu porto, aonde chega a maré, é frequentado por vapores e outros navios de cem a duzentas toneladas.

As sciencias, as artes e as industrias têm tido em Sevilha bastantes cultores; mas por esse tempo attingiram maior desenvolvimento. Foi patria de Murillo e de muitos homens illustres, e em Sevilha houve uma eschola de pintura, que fez epocha em toda a Europa. É ainda hoje uma bella cidade de muita vida e movimento, provavelmente a terceira ou quarta de Hespanha.

Além dos monumentos que apontámos, tem muitos outros religiosos e profanos, dignos de serem visitados.

A sua fundição de artilheria é um vasto estabelecimento, considerado como um dos primeiros da Europa.

O palacio do *Ayuntamiento* em estylo renascença, com fachadas para as praças Nova e de S. Francisco, é um edificio digno do fim a que o destinaram. As suas janellas são ornamentadas com elegantes columnellos e

entablamentos, e é imponente o seu vestibulo do lado da praça de S. Francisco com a sua vasta escadaria e balaustrada de fino marmore.

Ha no topo da escada uma grande tela, que representa *Ó D'onnell,* recebendo as homenagens dos mouros, vencidos em Tetuan. Pareceu-nos um quadro de bastante valor artistico.

Sevilha possue muitos palacetes particulares, edificados em gosto architectonico de notavel elegancia. É um systema de construcções accommodadas ao clima, que é muito quente. Quasi todas as casas têm bonitos pateos, que se vêem da rua, d'onde são separados por pequenos corredores e portas de ferro, em geral bellas obras de serralheria.

Formados de arcos com seus pilares de marmore, ajardinados e com lagos ou bacias de marmore ao centro, guarnecidos de vasos de flores, têm os pateos nas suas faces magnificos aposentos, e é aqui que os seus proprietarios passam a estação calmosa, abandonando os andares superiores. É á moda arabe.

Já em outro logar nos referimos ás praças de Murillo e de S. Francisco; mas ha outras que devem ser vistas.

Entre estas indicaremos a praça de Velasques, onde se acha uma estatua de bronze, eregida a este celebre pintor. Fica perto da praça de Murillo, e é tambem ajardinada.

Em uma das faces do seu pedestal de marmore lê-se uma inscripção em bronze, que diz: «Ao pintor da verdade».

Parece que o *realismo*, mesmo em pintura, não é invenção d'este seculo, dos Courbet e outros. Poderá haver novidade na escolha dos assumptos, mas não nos methodos. *Nihil sub sole novum.*

Mas a Praça Nova é de todas a mais espaçosa e bonita. As suas avenidas são guarnecidas de palmeiras e laranjeiras, segundo a moda do paiz, e tem um coreto monumental illuminado, como a praça, a luz electrica.

Ha na cidade um espaçoso mercado de viveres, coberto de alvenaria, que nada tem de notavel. Como é antigo, não o fizeram de ferro, nem tem a elegancia dos mercados identicos de outras cidades.

Sevilha é cortada por excellentes ruas em parallelipipedos de madeira ou basalto: taes são as de S. Fernando, Affonso XII, Tetuan, Fernan Nuñes, Serpe e outras; mas a mais concorrida de todas é esta ultima, á noite principalmente.

Ladeada de esplendidos estabelecimentos commerciaes, como podem ser os melhores de Paris, concorridos pelo mundo elegante da cidade, e de casinos e tertulias, sumptuosamente mobiladas, com as suas janellas monumentaes ao rez do chão, é a rua Serpe de extraordinaria vida e animação.

É, não obstante, um pouco estreita, mas muito comprida, e é n'ella prohibido o transito de carruagens.

A cidade é servida por excellentes carros americanos e por muitas carruagens de praça, muito mais asseiadas e baratas do que as de Lisboa. Uma ou duas pessoas pagam por hora duas pesetas, mas a gorgeta é obrigada.

O sevilhano é em geral amavel e hospitaleiro, e em todas as camadas sociaes se distinguem muitos e bellos typos de homem e

mulher. Vestem, com poucas excepções, segundo as modas de Paris; mas é raro ver os elegantes de chapeu alto de pello de seda.

Se algum portuguez levar só chapeu d'esta qualidade, terá que comprar um de feltro para se não tornar saliente. Foi o que nos aconteceu.

No meio de tanta opulencia ha em Sevilha, como em quasi todas as cidades da Andaluzia, muita mendicidade, que considera o estrangeiro objecto de exploração.

Os cicerones, ou que taes se fingem ser, são aos cardumes, e não cessam de offerecer por algumas pesetas os seus serviços ao viajante, a quem cumpre estar prevenido contra a authenticidade e exigencias de taes sujeitos.

Podiamos fallar de um certo espectaculo de quadros vivos, a que assistimos; mas deixamos essa tarefa ao nosso companheiro e amigo, o sr. Costa, especialista no assumpto.

Ha em Sevilha uma feira annual, que em alguns annos coincide com as festas da semana santa, e dizem-nos que é um espectaculo muito interessante e curioso. Vimos

ainda alguns elegantes pavilhões e *chalets* de madeira, que andavam construindo, mas não podémos assistir á feira.

Em fim, agradavelmente impressionados, saudosos da famosa cidade, démos-lhe um sentido adeus, e seguimos, em 3 de abril, para Cadiz, passando por Xerez de la Frontera.

CAPITULO V

Em Cadiz

De Sevilha a Cadiz são 153 kilometros, que se andam em 5 horas, segundo a velocidade dos caminhos de ferro hespanhoes, que orça pela das nossas linhas. O preço de um bilhete de primeira são 18,75 pesetas.

Ha restaurante em Xerez de la Frontera, de que não nos servimos, por se não ter ainda acabado o farnel do sr. Costa; mas não deixámos de fazer as honras da localidade, libando ao genio do logar um calix do affamado vinho branco de Xerez.

Xerez é uma terra importante, onde têm grande procura os seus excellentes vinhos; nos seus suburbios se desdobram extensas

vinhas, que nos pareceram livres das molestias predominantes.

São ferteis os campos de Sevilha a Cadiz, como quasi todos os da Andaluzia; mas adiante veremos outros bem mais ferteis e pittorescos.

Chegámos a Cadiz ao meio dia, e fomos hospedar-nos no hotel de Paris, rua de S. Francisco. É um bom hotel com excellente serviço de quartos e mesa á franceza. Preço doze pesetas.

Em Cadiz novos encantos e seducções nos esperavam. É uma cidade muito bonita e garrida, considerada por alguns viajantes como a primeira da Andaluzia; mas, na nossa opinião, Sevilha é superior a muitos respeitos.

É muito antiga, e era já bastante importante no tempo dos romanos, que lhe chamaram *Gades*.

Situada sobre o Atlantico, mas á entrada do estreito de Gibraltar, ligando assim dois mares, em soberbas condições politicas e de defesa, gosa Cadiz, ha muitos seculos, de justa celebridade como posição militar e

emporio de extraordinario movimento commercial.

Cadiz está situada em leito de granito, n'uma pequena peninsula ligada á terra por estreita faixa de areia.

A linha ferrea de Sevilha cáe perpendicular á curva da sua bahia, descrevendo um longo circuito para leste até inclinar novamente para sul e entrar na lingueta de areia que conduz á cidade. Além do Porto de Santa Maria e outras fortalezas, é a curva da bahia defendida por vallas e salinas, que constituem um serio obstaculo ao seu accesso.

Cercada a cidade pelo marechal Sebastiani, no principio d'este seculo, encontraram os francezes, n'estas salinas, invenciveis obstaculos, onde perderam muita gente, e jámais podéram entrar em Cadiz.

Por esse tempo teve a praça uma guarnição ingleza, de que fazia parte o regimento portuguez de infanteria numero 20.

Da torre de Tavira ou das torres da cathedral gosa-se o risonho e magnifico espectaculo dos panoramas de Cadiz. Para o

nascente, a ilha de Leon e as montanhas azues do estreito; para o sul, a extensão a perder de vista do Oceano Atlantico; a oeste, a sua vasta bahia eriçada de vélas de navios de varias lotações e fórmas; ao norte, differentes povoações e verdes campinas, e no logar de honra, a bella Cadiz.

A cidade terá uns setenta a oitenta mil habitantes; as suas ruas não são largas, nem o podiam ser, pois que Cadiz se acha enquadrada nos estreitos limites de uma pequena peninsula; mas são direitas, muito asseiadas, e guarnecidas de bons predios e estabelecimentos commerciaes. Pela mesma razão as casas, com excepção de muito poucas, não têm jardins, nem quintaes; são, porém, bastante altas, cobertas de terraços, e quasi todas têm n'estes os seus miradouros, alguns de fórma muito graciosa, com pretenções a quererem tomar um pouco d'ar e sahirem para fóra do circulo, que as aperta.

São de balcão quasi todas as janellas, revestidas de caixilhos envidraçados, com o ambito dos balcões por todos os lados.

Ha em Cadiz algumas praças elegantes e

espaçosas, taes são as de Santo Antonio, da Liberdade, da Mina e outras.

A Alameda, sobre a bahia, é o seu mais bello passeio. Tem renques de palmeiras, um lago, uma gruta artificial com arcos, abobadas, cavidades e passeios internos, e em cima um miradouro, para o qual se sobe por um caminho em espiral; a um dos lados fica um pequeno mas bonito theatro de verão. É realmente um lindo passeio, muito concorrido pelo que em Cadiz ha de mais distincto.

Cidade essencialmente militar e commercial, possue Cadiz poucos monumentos architectonicos dignos de menção.

Ainda assim, a cathedral nova merece bem a visita do *touriste,* ou mesmo do artista.

Edificio do seculo XVII ou XVIII, não é muito espaçoso, mas a sua harmonia, a sua solidez e as suas proporções são verdadeiramente classicas. Tres são as suas naves, sustentadas em columnas de ordem jonica, e estas acham-se firmadas em soccos de marmore. A sua capella de Izabel II, isolada no topo do templo, é muito rica em finos marmores de varias côres. Esta capella e uma

parte do pavimento da cathedral estão firmadas nas abobadas de uma crypta, cavada abaixo do nivel do mar, que serve de pantheon aos bispos da diocese. É uma maravilha architectonica.

Em fim, a cathedral de Cadiz é um templo pequeno, mas solido e elegante, onde tudo se acha no seu logar, obedecendo ás mais severas regras da architectura classica.

O *touriste,* que visita esta cidade, não deve deixar de dar um passeio até ao forte de S. Sebastião, situado dentro da bahia, sobre uma lingueta de granito.

Além das fortificações, ha aqui um pharol de construcção moderna, d'onde se descobrem vastos e esplendidos horisontes. É realmente um hygienico e formoso passeio. Para ver o forte por dentro é preciso licença do governador da praça.

Ha sobre a bahia uma torre muito alta, chamada *Tavira,* que serve de posto semaphorico; a ella subimos, não sem fadigas, e de lá gosámos as melhores e mais imponentes vistas da cidade e seus arredores. Recommendamos a sua ascensão a quem tiver boas

pernas para subir dezenas e dezenas de degráus.

Cadiz tem uma antiga e espaçosa praça de touros e uma fabrica de tabacos moderna, construida de ladrilhos, á moda arabe.

No seu porto achava-se ancorado ao largo o couraçado Pelayo, e logo projectamos fazer-lhe uma visita. Além de darmos um passeio embarcado pela bahia, iriamos ver uma bella machina de guerra. Fizemos, pois, a proposta aos nossos companheiros, que foi acceita pelo nosso amigo Costa.

Soprava do sul uma briza bastante viva, sendo o mar de vaga grossa; ainda assim atrevemo'-nos a embarcar em um pequeno *buque*.

A meio caminho, como o *buque* jogasse bastante, o nosso companheiro chegou a arrepender-se da sua condescendencia, e o caso era para isso; mas tudo correu pelo melhor.

Chegados ao navio, foi-nos interdicta a entrada com o fundamento de arranjos de limpeza; mas, logo que reconheceram a nossa qualidade de portuguezes, foi-nos facultada

a visita, que fizemos acompanhados por um moço guarda-marinha.

Á sua amabilidade devemos ver o que era possivel. O Pelayo é uma soberba machina de guerra de solida construcção, armada de canhões de varios calibres. Foi construida nos estaleiros de Caracas por subscripção nacional, quando ha annos se levantou a questão das ilhas Carolinas. Nos seus quatro semicirculos de popa e prôa tem quatro monstruosos canhões de calibre trinta, um pouco maiores do que os maiores da torre de S. Julião.

Tem outras ordens de baterias e torpedeiros. Notámos tudo em excellente estado de asseio, muito embora aquelle não fosse o dia mais proprio para a visita; e a ordem em que tudo estava faz honra á marinha de guerra hespanhola.

Muitos são os pergaminhos e as tradições historicas da nobre Cadiz. Fallaremos de alguns, de que temos conhecimento.

Foi perto de Cadiz que, no principio do seculo VIII, se feriu a sanguinolenta e decisiva batalha do Guadalete, tão eloquente e

poeticamente cantada por Herculano, no Eurico. Ahi se jogaram os destinos da peninsula; e, morto no campo Ruderico, o ultimo rei godo, quasi todas as terras da Hespanha foram invadidas e conquistadas pelos arabes, que só depois de oito seculos de dominio haviam de perder a bella presa.

O Guadalete, o antigo Chryssus dos antigos, é um pequeno rio, que vem desaguar na bahia de Cadiz.

E em Cadiz se refugiaram as liberdades publicas, no começo d'este seculo, sendo n'esta cidade que foi proclamada a famosa constituição de 1812, de que a nossa de 1822 é pouco mais de uma copia. Em 1819 rebentou aqui a conspiração de Riego, Quiroga e outros patriotas, que mais tarde pagaram com a vida o seu heroismo e serviços em defeza da patria contra o estrangeiro e das liberdades publicas contra o tyrannico e estupido governo de Fernando VII.

Reservámos o fim d'este capitulo para fallar das mulheres de Cadiz, que só por si mereciam um logar distincto e especial n'estas narrativas.

São as gaditanas as mais formosas mulheres da Hespanha, e ha muitos annos gosam d'essa fama.

Já no tempo dos romanos muitas mulheres de Cadiz eram exportadas para Roma a exhibirem, nos espectaculos publicos, as suas graças e as já então enthusiasticas danças e canções do seu paiz, e ainda, segundo dizem, para fazerem commercio da sua belleza.

Não têm ellas a opulencia de fórmas, a profunda expressão dos olhos rasgados e fascinadores, e as sobrancelhas de espessos e avelludados cabellos negros da sevilhana; mas são mais feminis, mais airosas e gentis, e não são menos vivas e travessas que qualquer andaluza. Têm muito do *coquettismo* parisiense.

Em Cadiz é raro ver uma mulher feia, e até mesmo as velhas com os seus cabellos prateados são ainda formosas.

As gaditanas nasceram, pois, para o amor, e é com effeito essa a sua preoccupação, como é a de todas as mulheres bonitas. Se Venus nasceu da alva espuma do mar, devia

ser na bahia de Cadiz. Avaliou-as como bom entendedor lord Byron.

Transcreveremos alguns dos mais inspirados versos da sua peregrinação de *Child Harold,* e por certo que o leitor nos levará a bem a nossa lembrança.

Lord Byron visitou a Andaluzia no periodo mais agudo da guerra contra os francezes, e é realmente bella a pintura que faz o grande poeta dos costumes de Sevilha e Cadiz, e da indole descuidosa, amante dos prazeres, dos seus habitantes.

Diz elle: «Mas, descuidada da hora, que se approxima, Sevilha não se occupa senão de cantares, de banquetes, de festas; passa o tempo no meio das alegrias mais extranhas, e o coração d'estes patriotas não sangra das feridas da patria.

«Não é o clarim guerreiro que se ouve, mas a guitarra do amor.

«Todavia não são amazonas as jovens filhas da Hespanha; foram creadas para o amor e seus encantos. Se hoje, armadas, rivalizam com os seus filhos e se misturam na horrivel phalange, é a terna colera da

pomba ás bicadas no braço estendido para lhe arrebatar o esposo. Deve ser doce o semblante, cuja face mostra o signal que ahi deixou a pressão do dedo do amor. Os seus labios, que escondem uma ninhada de beijos prestes a voar, dizem ao homem que, para os merecer, é necessario ser valente.

«É bella a orgulhosa Sevilha! Seja, pois, altiva da sua força, da sua riqueza, da sua antiguidade! Mas Cadiz, que se eleva ao longe sobre a costa, reclama elogios menos gloriosos, mas mais ternos.

«Cantam desde a aurora até á noite, coroam-se de grinaldas de rosas; novos divertimentos, loucuras sempre novas, se succedem sem interrupção. Quem veiu a este logar deve soltar um longo adeus aos prazeres modestos. Nada interrompe as festas, e á falta de devoção verdadeira, só o incenso monachal sobe até ao céo: o amor e a prece marcham juntos, ou reinam alternadamente.

«Todo o paiz tem os seus divertimentos; mas são diversos os teus, bella Cadiz, assentada á borda do mar de ondas azues. Apenas no sino da manhã soaram as nove horas, os

teus santos adoradores dizem o rosario, e as suas preces importunam a virgem (é a unica, creio, que ha no paiz), pedindo-lhe o perdão de tantos crimes, como ha de fieis a implorar. Feito isto, caminham todos para o circo, jovens, velhos, pobres, ricos, e cada um toma a sua parte na funcção...»

Em poucos versos nunca se fallou com mais verdade e eloquencia dos costumes andaluzes!...

Mas corre rapido o tempo do *touriste;* continuemos, pois, a nossa peregrinação.

Um sentido adeus á bella Cadiz, e caminhemos para a velha e adusta

---

CAPITULO VI

Tanger

Não estava no nosso programma a viagem a esta antiga cidade; mas o proprietario do hotel, em Cadiz, um francez intelligente, mostrou-nos como quasi todos os estrangeiros que viajam na Andaluzia, faziam uma digressão a Tanger, como complemento d'aquella viagem, digressão, que fariamos com pouco dispendio de tempo e dinheiro.

Restava, porém, saber se o nosso amigo, o sr. João Jacintho, se sujeitaria á travessia, pois que soffre horrivelmente do enjôo maritimo.

Mas é tal o seu amor pelas viagens, que logo se promptificou, não obstante o incommodo, que tinha por infallivel.

..

Embarcámos, pois, n'um bonito vapor, e sentámo'-nos no tombadilho; apenas, porém, começava a arfagem do navio, logo o nosso amigo nos disse: «vae vêr como começa o meu supplicio». E, dito e feito, carga ao mar.

Conduzido á camara de ré, não se levantou mais até chegarmos a Tanger, mas logo aqui se retemperou com um bom caldo de gallinha.

Pois muito perdeu com aquelle incommodo, porque a travessia de Cadiz para Tanger, em ameno dia de primavera com esplendido sol, como foi o do nosso embarque, é o mais interessante e bello passeio que por mar se póde dar.

E, com effeito, não ha talvez paragens que mais se imponham á imaginação do *touriste,* do que as do estreito de Gibraltar. Parece que por aqui se passaram, nos tempos geologicos, grandiosas revoluções, cujos eccos chegaram até nós; e não poucas vezes têm os homens disputado por estes sitios, em luctas homericas, o imperio do velho mundo.

Quem ao examinar os alterosos montes de Ceuta e o formidavel morro de Gibraltar, quasi cortados a prumo sobre o mar, não me-

ditará nos trabalhos gigantescos que foram necessarios para cortar a cordilheira e fazer communicar a bacia do Mediterraneo com as aguas do Atlantico?!

Será a lenda dos trabalhos de Hercules a historia remota e desfigurada do grande successo, que de idade em idade chegou até nós? Será essa rotura a obra lenta dos seculos, ou *ab eterno* existirá assim o estreito? Era n'estas paragens que começava a Atlantida, um grande continente que desappareceu e que, no dizer de alguns geographos, se prolongava até á America, do qual a Madeira e os Açores são apenas os restos salvos da grande catastrophe?...

São problemas muito interessantes, mas que provavelmente ficarão sempre sem solução satisfatoria.

Muitas vezes se cruzaram n'estes mares as esquadras phenicias, gregas, carthaginezas e romanas em busca de novas terras e conquistas; foi das aguas de Ceuta que navegaram para a Ilha Verde e para o Calpe (Algeciras e Gibraltar) as frotas agarenas a golfarem na peninsula ondas e ondas d'esses indoma-

veis filhos do oriente, que, em pouco tempo, reduziram as Hespanhas ao seu dominio; e foi no Calpe que Tarik se fortificou e fez a base das suas operações até derrotar os godos na batalha de Guadalete. E quantas vezes foram as aguas do estreito sulcadas pelas quilhas das nossas armadas a lançarem os cavalleiros portuguezes em terras de Ceuta, Tanger e Arzila, que conquistámos, e tambem em Alcacer-Quibir, onde ficaram sepultadas as glorias portuguezas, ganhas á custa dos trabalhos de seculos?!...

A politica jesuitica de um monarcha, mancebo generoso mas temerario, foi bastante para fazer perder em uma só jornada a independencia de um povo, que durante seculos tanto affirmára a sua vitalidade, e que tantos serviços prestára á civilisação!...

Que eloquentes lições nos dá a historia!

E felizes os povos que sabem e querem aproveital-as...

Como é sabido, começa o estreito de Gibraltar entre o cabo Trafalgar, na Europa, e o cabo Espartel, na Africa; pois foi junto áquelle pequeno cabo que, em outubro de

1805, se feriu uma das mais terriveis e furiosas batalhas navaes dos tempos modernos.

Ahi foram anniquiladas as esquadras franceza e hespanhola, combinadas, e ahi ganhou a Inglaterra definitivamente o imperio dos mares, que ainda até hoje não perdeu, e em que governa quasi como soberana absoluta.

Navegavam aquellas esquadras, commandadas por Gravina e Villa Nova, para as costas francezas do norte, a fim de apoiarem o desembarque na Inglaterra, havia muito preparado por Napoleão; mas o celebre Nelson, o Napoleão do mar, não dormia.

Sáe-lhes ao encontro, trava-se a batalha, em que Nelson perde a vida com um tiro de fuzil, mas derrota completamente as duas esquadras, e tem a gloria de salvar o seu paiz de uma das maiores crises por que tem passado!

Á lucta dos homens succede a dos elementos, porque uma furiosa tempestade, que n'aquelles mares são medonhas, se desencadeia, e esmaga muitos dos navios vencedores e vencidos, que tinham escapado da batalha!

Se fossemos a contar todos os successos notaveis de que têm sido testemunhas as paragens do estreito, seria necessario escrever um grosso volume.

Passeando no tombadilho, e entregue a estas meditações, ou conversando com alguns dos viajantes e com o capitão do vapor, que teve a amabilidade de nos mostrar e explicar os compartimentos do seu bonito navio, chegámos em fim á vista de Tanger, seriam doze horas do dia.

Tinhamos sahido de Cadiz no vapor *Joaquim Pielago,* capitão João Plas, ás 7 horas da manhã do dia 5 de abril, e démos de passagem por cada um vinte e oito pesetas.

Estava um esplendido dia, e o mar com as suas ondas do mais puro azul, illuminado por um brilhante sol de primavera, quebrava-se suavemente em alvissima espuma no costado do vapor, que sem esforço seguia a sua derrota, fazendo augmentar gradualmente as proporções da historica Tanger.

Esperavamos ver uma grande cidade cercada de fortes muralhas, com suas torres, ameias e cidadella, assente no meio de ferteis

campinas; mas, ó desapontamento, ao desembarque pareceu-nos uma prosaica villoria portugueza, edificada em amphitheatro, na encosta de uma collina. E ainda maior foi a nossa decepção, quando entrámos os seus muros.

Tanger fica n'uma larga bahia com pouco fundo, e por isso o vapor ficou ao largo, tendo os passageiros de entrar em pequenos botes, que os conduziram a terra.

Aqui soffremos o assalto em fórma de uma cafila de mouros, que entre si disputavam, em altos berreiros, a primazia de transportar nossas bagagens e nossas pessoas, sem mesmo se darem ao incommodo de nos consultar.

Raça de escravos, são tão insolentes como cobardes, pois que se deixam bastonar por qualquer, sem reagir, como vimos.

E assim fomos escoltados por estas sordidas creaturas, uns miseraveis, sujos nos andrajos, e comidos por asquerosas pustulas, e, depois de atravessarmos varias ruas, onde não ha signaes de limpeza, nem de policia, entrámos finalmente no hotel Calpe, um verdadeiro oasis no meio de muita miseria.

Na alfandega estavam dois sujeitos sentados á turca, que nos pareceram excellentes pessoas, e nos dispensaram do exame das bagagens, quando lhes dissemos sermos simples viajantes.

Ficámos em duvida se foi por bem entendida tolerancia, se por mandriisse, que nos não revistaram as malas.

O hotel, dirigido por um inglez, occupa uma boa casa e tem excellente cozinha á franceza. Custa doze pesetas por pessoa.

Refeitos por um bom almoço, começámos o nosso exame ao que de mais notavel ha na cidade, que, valha a verdade, não é muito.

Tanger está situada dentro do estreito, a leste do cabo Espartel. É cidade muito antiga, e foi uma das mais importantes colonias romanas. Hoje acha-se decahida do que foi, e terá, quando muito, dezeseis ou dezoito mil habitantes.

Faz ainda bastante commercio com as caravanas do interior e com a Europa, particularmente com a praça de Gibraltar, para onde exporta carnes, couros, fructos e muitos outros artigos.

As suas ruas são, em geral, estreitas, tortuosas e sujas, tendo algumas arcos abobadados nos seus angulos. A cidade póde considerar-se dividida em dois bairros: no baixo está a colonia dos judeus, que em Tanger é numerosa, e no alto, proximidades do castello, moram arabes e mouros.

N'este bairro têm as casas uma só porta, sem janellas, mas são obrigados os terraços, d'onde se avistam os panoramas da cidade.

Tanger não tem edificios publicos dignos de menção, a não serem as mesquitas com seus airosos minaretes; infelizmente não póde entrar n'ellas o europeo de religião diversa.

Ha é verdade o palacio do governador e as prisões publicas; mas aquelle pouco tem que vêr, e as prisões, onde entrámos mediante uma esportula a uns guardas bebedos, são uns covis infectos, em que se estorcem de miseria alguns desgraçados a pedirem esmola aos visitantes.

Em uma das ruas principaes ha aos lados uns pequenos cubiculos, divididos em compartimentos microscopicos com ares de estabelecimentos commerciaes, e aqui se expõem

á venda os limões, as tamaras, o tabaco, o sabão e outros artigos semelhantes. Parece que são as mercearias da terra. Em um dos compartimentos, onde mal cabe um homem, está refocillado o proprietario á espera de freguezes, eternamente fumando no seu cachimbo com aquelles ares de fatalidade proprios do musulmano.

Os objectos de modas, bijouterias, armas, artigos de fumador, objectos de couro bordados e outros acham-se á venda nos bazares, que com certeza não têm o luxo dos de Constantinopla, mas que vale a pena visitar.

Fóra da cidade ha um terreno accidentado, onde ha mercado todos os dias.

É um dos logares mais curiosos de Tanger, e onde melhor se podem estudar os costumes da terra. Aqui se vendem mercadorias de todas as qualidades, desde as forragens para os animaes até aos estofos para os *elegantes* da cidade, e aqui se fallam varios idiomas, predominando o arabe, que é o do paiz.

Ao lado do europeo acotovela-se o arabe com a sua larga tunica branca, ou côr de castanha, apertada na cabeça, ou o mouro

de larga calça e collete bordado, com o seu fez vermelho a cobrir-lhe a nuca; mas não se vê a mulher arabe, eclipsada no seu cubiculo, e quando alguma vez sáe, um discreto manto lhe cobre o semblante.

E boa precaução em toda a parte, muito mais nos paizes quentes, onde o sol as póde crestar... As mulheres que se deixam vêr são as israelitas, e ha entre ellas algumas muito formosas.

N'este interessante quadro do mercado exhibem-se o dormedario e o cavallo arabe, misturados com o burrico africano e outros animaes domesticos, e não raro o saltimbanco e o domador de féras ahi mostram as suas habilidades.

N'aquelle dia estavam expostas umas serpentes, que dançavam e saltavam ao som de umas fanhosas gaitas do paiz. Era o que mais chamava a attenção dos papalvos, de que grande é o numero em toda a parte.

Ha em Tanger excellente tabaco, e é aqui muito barata a vida; correm moedas de todos os paizes, mas principalmente hespanholas.

Nas muralhas, junto ao mar, estão asses-

tados uns canhões de fabrica antiga, annunciando um d'elles o nascer, o pôr do sol e o meio dia.

Este annuncio é necessario para o cumprimento de alguns preceitos da religião mahometana.

Dominando algumas ruas da cidade, especialmente no largo *Marchiane,* ostentam-se bellos palacios de ministros estrangeiros, ou de judeos opulentos, que contrastam com os humildes casebres dos indigenas.

No dia 6 de abril, poucas horas antes de embarcar, alugámos dois cavallos a duro cada um, por duas horas, e fomos com o nosso guia Mehemet, um rapaz intelligente, que fallava o francez regularmente, dar uma volta pelos arredores da cidade.

Foi um agradavel passeio.

Os campos de Tanger apresentam, em geral, o aspecto das melhores paizagens das nossas provincias do sul; mas ha em alguns sitios bonitas hortas e pomares e magnificas quintas e casas de campo, como em *Jubel,* onde residem os ministros de Italia e dos Estados-Unidos.

Tambem as noites em Tanger offerecem os seus attractivos, quando o *touriste* estiver disposto a gastar alguns duros.

Ha na cidade um café-concerto, muito frequentado por viajantes, onde passámos alguns momentos bem agradaveis.

Dá-se uma peseta por cabeça, e em troca servem-nos excellente café e um espectaculo de accentuada côr local.

É uma sala toda esteirada, com poucas cadeiras, porque não são necessarias para os naturaes do paiz, que, como é sabido, costumam sentar-se no chão; e aqui se exhibem alguns musicos mouros, que em melopeia, umas vezes melancholica, outras alegre, entoam as canções e modas do paiz com acompanhamento de tamborís e instrumentos de corda das mais bizarras fórmas.

Muitas senhoras, viajantes francezas e inglezas, visitaram o café n'esta noite, e era muito curioso ver o *sans-façon* e o ar zombeteiro com que sentadas no chão, por já não haver cadeiras, acompanhavam os mouros nos seus cantares.

Uma noite, que tão bem principiára para

nós, não podia deixar de findar bem, e assim foi.

Por indicação do nosso cicerone, Mehemet, fomos a casa de umas judias, onde mediante um duro por cabeça se podia assistir a um espectaculo de outro genero.

Era a *dança do ventre,* executada por umas raparigas, ao som de uma especie de batuque, em adufes cylindricos. Era aquella dança que tanto escandalo fez em Lisboa, no inverno passado, quando no circo dos recreios a executou uma franceza gaiata.

A que vimos executar em Tanger com muito garbo e mestria não tinha espectadores femininos; e qualquer estrangeiro poderia tomar parte em tão honesta dança, dando mais um duro.

O que é que não vencem os duros e as libras?...

Conta-se que Alexandre, não podendo tomar uma praça fortissima com as suas aguerridas phalanges, a tomára com uma burra carregada de dinheiro, a que logo abriram as portas.

A corrupção é velha como o homem.

Mas concluamos este capitulo com um assumpto mais serio, em que não póde deixar de meditar todo o portuguez que visite Tanger.

A vista das muralhas denegridas da velha cidade, o seu arruinado castello, e mesmo os seus arredores, trouxeram-nos á memoria alguns dos feitos mais gloriosos das nossas armas e tambem os nossos desastres, n'essas terras africanas, que tão regadas foram com o mais generoso sangue portuguez.

Foi junto a essas muralhas que as armas portuguezas practicaram algumas das suas mais heroicas façanhas, e foi tambem ahi que soffreram um dos seus mais sentidos desastres.

Em agosto de 1437 commandava o conde D. Henrique, acompanhado por seu irmão, D. Fernando, uma expedição contra Tanger, a que poz cerco, em setembro seguinte; mas, depois de repellidos em dois furiosos assaltos, e de homericos combates, como aquelles que sabiam ferir os cavalleiros portuguezes, de sitiantes se tornaram os infantes em sitiados por forças muito superiores em numero, que

vieram em soccorro da praça, commandadas pelos reis de Fez, Marrocos e outros.

Bloqueados, pois, no proprio acampamento, soffrendo fome e sede, cortados da esquadra, e sem esperança de soccorro, viram-se os portuguezes na dura necessidade de fazer uma desastrosa capitulação para salvar vidas e liberdade.

Depozeram as armas, e compromette-ram-se a entregar Ceuta, ficando o infante D. Fernando de penhor ao cumprimento da promessa.

D. Fernando foi a victima expiatoria d'esta loucura guerreira; porque, recusando-se as côrtes a entregar Ceuta, morreu em apertado captiveiro de Fez, onde com a resignação de um santo soffreu crueis martyrios.

Mas o embarque dos portuguezes não se fez sem serios perigos, porque algumas hordas de mouros insubordinados não quizeram saber da capitulação, e foi preciso que algumas forças portuguezas cobrissem palmo a palmo a retirada e o embarque.

D. Alvaro Vaz de Almada, o sympathico e valente amigo do infante D. Pedro, reser-

vado para mais tarde ser assassinado ás mãos da villanagem, que increpou, na infausta jornada de Alfarrobeira, foi um dos cavalleiros incumbidos d'aquella ardua tarefa, e o ultimo a embarcar.

Tanger cahiu mais tarde, em 1475, nas mãos dos portuguezes, depois da tomada de Arzilla; e ainda hoje o nome portuguez tem um certo prestigio na cidade, em memoria d'esses feitos.

Como vimos, ha em Tanger muito espectaculo desagradavel, e mesmo repugnante; mas tambem offerece ao europeo muita novidade.

Tanger explica até certo ponto a Andaluzia. A sua visita é considerada como complemento de uma viagem n'aquella pittoresca provincia hespanhola, e é a este titulo que quem viaja na Andaluzia vai tambem a Tanger.

É por isso que aconselhamos a sua visita a quem viajar n'aquella provincia. Faz a digressão em vinte quatro horas, ou pouco mais, gastando quantia não superior a quinze ou vinte duros, e dá um formosissimo passeio por mar.

..

CAPITULO VII

Gibraltar

Em 6 de abril, seriam 11 horas da manhã, abandonámos Tanger e embarcámos em um pequeno vapor inglez, chamado *Gibel Tarik,* com rumo para Gibraltar, e dentro em pouco tempo desenhava-se-nos nitidamente no horisonte a cidade e a sua grande montanha.

Tinhamos gasto apenas umas tres horas, dispendendo na passagem dez pesetas.

É preciso experimentar para avaliar devidamente a impressão que nos causa, vista do mar, a formidavel montanha, toda fortes, baterias, minas e outras obras militares de fortificação.

Gibraltar é como um gigante monstruoso, coberto de ferro, armado até aos dentes, invulneravel.

Chave do estreito, para onde convergem as esquadras de todas as grandes potencias, se a sua situação geographica é de primeira ordem para o commercio, como fortaleza militar é talvez a primeira do mundo.

Póde mesmo ser considerada inexpugnavel á viva força, e para isso não carece de numerosa guarnição.

Ao largo, do lado do sul, vê-se a face escarpada da alterosa montanha, ainda assim a unica accessivel, toda cortada de estradas militares em zig-zag; e em toda a encosta, fortes, reductos, baterias, buracos, postos militares. Entre essas estradas ha uma por onde se póde subir a cavallo até ao alto da montanha; e, verdadeira maravilha n'este genero de construcções, custou ao governo inglez quantias fabulosas.

Quando a gente se approxima, parece o morro uma monstruosa náu cyclopea desarvorada, mas aberta em canhoneiras por todos os lados.

E, com effeito, o bojo do monstro está cavado em vastas cavernas stalactiticas, muitas alargadas pela arte do homem; e servem não só para deposito de munições e viveres, mas até de aquartelamentos, sendo um refugio seguro em caso de ataque e de ser tomada a cidade por algum golpe de mão.

Porém as outras defezas da cidade são ainda mais formidaveis e proveitosas.

A cada passo estão semeadas baterias e reductos nas muralhas que olham para o mar, nos passeios, nos quarteis, em todas as posições, emfim, que podem concorrer para a defeza.

A montanha deve ter uns quatrocentos metros de altura acima do nivel do mar, e se o seu lado do sul é escarpado, dos outros é cortado a pique.

Ao norte está Gibraltar ligada á Hespanha por uma estreita lingueta de terra, mas por este lado pouco tem a receiar.

Póde mesmo defender-se fazendo rolar da montanha enormes penedos, e não seria essa defeza a menos perigosa para os atacantes.

A praça é guarnecida por tres regimentos

de infanteria, dois de artilheria, um de caçadores e algumas companhias de engenheiros, ao todo uns seis a sete mil homens de magnificas tropas.

Assim, protegida pelas esquadras, que cruzam entre o Atlantico e o Mediterraneo e que de prompto se podem apresentar chamadas pela rêde telegraphica submarina de que dispõe a Inglaterra, é Gibraltar uma praça de guerra inexpugnavel.

Só rendida pela fome, depois de apertado bloqueio, poderia ser tomada; mas para isso seriam necessarias grandes forças maritimas e terrestres e abater a Inglaterra como potencia maritima de primeira ordem, o que se nos afigura um pouco difficil.

Estará esse papel reservado á França, que não cessa de augmentar as suas forças navaes?... O tempo o dirá.

Engana-se, portanto, quem sustenta ser uma vergonha para a Hespanha a occupação de Gibraltar pelos inglezes. Se Gibraltar estivesse em territorio de nações mais poderosas, é muito provavel que ainda não tivesse sido retomada á viva força.

A Inglaterra difficilmente larga a posição, que lhe convenha sustentar e onde poz a enorme pata; quando, porém, essa posição se chama Gibraltar, é perder-lhe as esperanças.

Foi na guerra da successão, em 1704, que Gibraltar foi tomada á Hespanha.

Defendida por uma pequena guarnição de uns duzentos homens, foi ainda assim necessario ser atacada de surpreza por uma forte esquadra, e só se rendeu por meio de um estratagema, que vamos narrar. Vendo o commandante da esquadra que os fogos da sua artilheria não davam resultado, fez desembarcar uma importante força, que intrepidamente se guindou acima dos rochedos e apresionou uma grande quantidade de mulheres e creanças, que se dirigiam a uma egreja.

Foi então que a pequena guarnição, receiosa pela sorte de mulheres e filhos, se resolveu a capitular.

Quizeram os francezes e hespanhoes, pouco depois, retomal-a, pondo-lhe cerco com suas tropas e esquadras; mas baldado empenho,

Sobrevindo uma esquadra ingleza, as dos sitiantes foram derrotadas, e o cerco levantado.

Por diversas vezes tem a Hespanha tentado rehaver a praça, em troca de avultadas quantias, ou de outras possessões; mas a Inglaterra sabe bem o valor da posição, e não ha nada que lh'a pague.

Mas, quando Gibraltar soffreu um cerco verdadeiramente serio, estando a ponto de succumbir, foi nos annos de 1779 a 1783; e quando a presa então não foi arrebatada á Inglaterra, tarde ou nunca o será.

Duas esquadras, franceza e hespanhola, apoiadas por um poderoso exercito de terra, bloquearam a praça durante tres annos, emquanto uma frota de sessenta e tantos navios ameaçava as ilhas britannicas com um desembarque; o bloqueio, porém, converteu-se em cerco, sendo as esquadras atacantes auxiliadas por muitas baterias blindadas fluctuantes.

Approximaram-se de terra os navios e as baterias, e durante muitos dias vomitaram sobre a praça um diluvio de metralha e de

fogo, incendiando a cidade. Mas era então governador de Gibraltar o bravo general *Elliot,* e a defeza que oppoz foi digna do ataque. Os seus soldados, debaixo da sua energica e intelligente direcção, abrigados pelos rochedos, a uma artilheria temerosa responderam com outra egual, e uma tempestade de pedras e de bombas incendiou, ou fez ir a pique a maior parte das canhoneiras e muitos dos navios sitiantes.

E assim ficaram ainda d'esta vez malogrados os supremos esforços das duas nações colligadas, e o ataque mais serio e encarniçado que tem soffrido Gibraltar.

Pensavamos n'estas phases da sua historia, quando saltámos em terra.

Fomos hospedar-nos no hotel Victoria, situado na rua Real, a melhor da cidade. É um bom hotel, onde se pagam doze pesetas por cabeça.

Preparados com um succulento jantar, fomos passar uma revista á cidade, que não é grande.

Fica ao oeste da montanha, enroscada á sua base, sobre uma vasta e profunda ba-

lia, que se abre entre Algeciras e o grande morro.

As suas ruas, em geral, não são largas, mas a rua Real é espaçosa, tem bons predios, e atravessa toda a cidade no comprimento de mais de um kilometro.

A Alameda com os seus formosos jardins, na encosta superior á cidade, é o seu mais bello passeio, e d'aqui se disfructam magnificos e vastos horisontes. Está situada á entrada de uma grande esplanada, e é aqui que os habitantes de Gibraltar passam os seus melhores momentos de ocio.

Á entrada está o busto em bronze do celebre general *Elliot,* o intrepido defensor da praça, de que acima fallámos. Firma-se em um pedestal de marmore branco, sem ornatos, com as linhas severas da ordem dorica, como convém a um sabio e valente general.

Possue a cidade uma espaçosa praça, chamada *Commercial Square;* e, se é grande o seu movimento commercial, ainda é maior o contrabando de tabacos e fazendas inglezas, que ahi se faz.

É a Gibraltar que se veem sortir os con-

trabandistas hespanhoes de Ronda e outros sitios.

A população de Gibraltar póde orçar por dezoito a vinte mil habitantes, e é mesclada de gente de varias origens e nacionalidades; mas a que predomina é de origem hespanhola, judaica e mourisca. Na cidade entra e sahe quem quer, sem receio de se lhe perguntar quem é e d'onde vem; mas é mister respeitar á risca o regimen indicado pelas auctoridades da terra.

Ha logares abertos nas proximidades dos quarteis e fortes, com disticos á entrada, em que se lê: «É de esperar que ninguem entre para este logar».

E basta este aviso para ninguem se atrever a contrariar esta simples indicação. Notámos na cidade grande quantidade de estancos e lojas de barbeiro; e o caso explica-se, attendendo ao muito contrabando de tabacos que se faz em Gibraltar, e a que muita gente tem necessidade de sahir com uma cara diversa d'aquella com que entrou.

Na montanha, erriçada de penedos, não ha nem póde haver abundante vegetação;

ainda assim não se pense que o terreno é completamente escalvado. Nas suas encostas dão-se a vinha e diversos arbustos.

A fauna da montanha é representada por diversas aves de rapina e alguns reptis venenosos; mas o que ha n'ella de mais curioso é uma tribu de macacos, sem cauda, que ahi tem os seus dominios. Dizem que, quando o Calpe se separou do Abyla, ali ficou essa tribu cortada dos seus congeneres de Africa; e o caso tem uma certa verosimilhança, pois é sabido que as raças simeanas não vegetam na Europa.

Os habitantes de Gibraltar respeitam estes macacos, como os nossos alemtejanos respeitam as cegonhas, já porque são inoffensivos, e já porque temem as represalias dos animalejos, que poderiam rolar grandes pedras da montanha sobre a cidade.

Quando Tarik occupou Gibraltar para a conquista das Hespanhas, ainda a cidade não existia, e apenas no logar d'ella havia algumas cabanas de pescadores.

E, se hoje não é nem póde ser uma cidade de primeira ordem, tem ainda assim um certo

BIBLIOTECA DE ANDALUCIA Granada

valor; mas a sua vida é toda militar e commercial, pois que a agricultura não póde existir n'uma peninsula de areia e granito. A sua industria é tambem insignificante.

O nome de Gibraltar é a corrupção de *Djibal-Tharek*—fortaleza de Tarik em lingua arabe, por ser aqui que se fortificou aquelle general, quando invadiu a peninsula, como em outro logar dissémos.

Uma visita a Gibraltar não é portanto menos interessante do que a outras cidades da Andaluzia. Se não tem monumentos dignos de se ver, não falta ahi que admirar, como praça militar; e a sua posição geographica e os seus panoramas são realmente de primeira ordem.

CAPITULO VIII

Malaga

No dia 7 de abril, depois de tomarmos o nosso chocolate matutino, estavamos a caminho de Algeciras, a fim de, atravessada a bahia de Gibraltar, tomarmos o caminho de ferro, que segue para Malaga.

Algeciras fica na ponta oeste do arco que fórma a bahia, e cortámos esta em um pequeno vapor, que rapidamente ali nos conduziu. É Algeciras uma cidade pouco importante, onde não nos demorámos. A estação do caminho de ferro fica a uns dois ou tres kilometros do porto, e por isso deve tomar um trem de praça quem logo quizer entrar no comboio para Malaga.

Ao desembarque fomos assaltados por uma nuvem de mariolas, que, para nos levarem as bagagens e fazerem jus a algumas pesetas, nos informaram falsamente, affirmando ser pequena a distancia para a estação.

Chegados aqui, para cada volume nos appareceram dois moços, exigindo quantias fabulosas pelos seus serviços, e foi preciso pagar-lhes o que pediram, muito mais do que poderiamos gastar n'uma carruagem. O viajante deve sempre ajustar qualquer serviço que lhe façam, pois de outro modo arrisca-se a pagar o que não deve; e casos ha em que lhe exigem mais do que o ajustado...

Mas para traz essas vorazes harpias, de que bem depressa nos esquecemos, e eis-nos arrebatados pela locomotiva, atravez do espaço, por esses ferteis campos, que conduzem a Malaga.

De Algeciras a esta cidade é com effeito o paiz muito pittoresco e de extraordinaria riqueza.

A par de verdes e alterosas montanhas, coroadas de enormes rochedos, d'onde se precipitam cascatas espumantes, onde as

florestas são exuberantes, desdobram-se a perder de vista vastas campinas, povoadas de montados, olivaes, pomares, vinhas e searas.

Muitos são os tuneis d'esta linha, alguns d'elles abertos em massas de granito, e não é raro sahir o comboio de um e marchar á borda de profundos abysmos, onde as aguas precipitadas das cascatas refervem em redemoinhos e olheirões, para logo entrar n'outro e n'outro.

Bellas paizagens realmente, variadas e pittorescas como poucas!

Viajava na nossa carruagem uma familia escoceza, e uma senhora comparava enthusiasmada os panoramas, que avistavamos, com os da sua verde e pittoresca Escocia.

Mas o que nos surprehendeu devéras foi a grande quantidade de pomares de laranjeiras, que se estendem desde Robadilla até Malaga. São leguas e leguas de pomares, e não obstante acharem-se alguns atacados de molestia, devem constituir uma importante riqueza da provincia.

Bobadilla tem um bom restaurante, onde

se deve almoçar, e é entroncamento obrigado para muitas linhas ferreas. Cruzam aqui as linhas de Algeciras, Sevilha, Malaga, Cordova, Granada e outras.

Seriam 7 horas da tarde quando chegámos a Malaga, e fomos hospedar-nos no hotel de Paris, que se recommenda por ficar na mais bonita rua da cidade. O preço são dez pesetas por cabeça. Não é máu, mas ha muito melhor.

O viajante que quizer hospedar-se em algum dos melhores hoteis das cidades andaluzas, que visitar, tem uma indicação segura, que poucas vezes falha: mette-se no omnibus de qualquer hotel, logo que chega á estação do caminho de ferro, e ficará bem hospedado; porque todos os hoteis de primeira ordem têm excellentes carros para irem levar e trazer das estações os seus hospedes.

Malaga é umá das mais bonitas cidades de Hespanha, e de mais vida e movimento. Cercada de ferteis campos, onde as aguas são abundantes, situada sobre o Mediterraneo com o seu excellente e espaçoso porto,

e gosando de ameno clima, foi ella fadada pela natureza para ser uma cidade de primeira ordem.

Mas as vicissitudes das conquistas por que tem passado a peninsula, tem feito d'ella uma das suas presas mais cubiçadas; e, theatro de scenas sanguinolentas, não poucas victimas tem dado ao Minotauro das mais tragicas luctas civis da Hespanha.

Estas circumstancias, juntas a alguma indolencia dos seus habitantes, têm retardado o seu progresso, que ora se vai accentuando.

Foi tomada pelos romanos aos carthaginezes, e já n'esse tempo era povoação importante; foram, porém, os arabes que mais a engrandeceram, pois que por muitos seculos a senhoriaram.

Os restos de suas muralhas, a Alcazaba, fortaleza que o *touriste* deve visitar, e outros monumentos de menos valor ahi estão a attestar que não foi ephemero o dominio d'este povo.

Izabel a catholica tomou-lh'a poucos annos antes da conquista de Granada.

Está a cidade assente em uma fertil veiga,

cercada de altas montanhas abertas para o lado do mar; e o rio Guadalamina, que aqui tem a sua foz, a abastece de aguas por meio de um notavel aqueducto, chamado de S. Telmo.

Malaga poderá ter uns oitenta a noventa mil habitantes, e a sua industria é muito importante em tecidos e diversos artefactos; mas a verdadeira fonte da sua vida e riqueza é o grande commercio, que faz pelo seu excellente porto. Exporta grandes quantidades de vinho, laranja, limão, uvas frescas e passadas e muitos outros fructos, em que abunda; e as suas importações tambem têm muito valor.

As ruas de Malaga são em geral tortuosas e estreitas; mas tem algumas abertas modernamente, muito espaçosas e asseiadas, como são ás da Alameda, Martinez, do Marquez de Larios e outras. Esta ultima é uma esplendida rua, que póde rivalizar com qualquer das melhores de Lisboa, ou que lhe é mesmo superior.

Muito larga e comprida, com bonitos e espaçosos passeios aos lados, magnificos pa-

lacetes e bellos estabelecimentos commerciaes a guarnecem; e, profusamente illuminada e extraordinariamente concorrida á noite pelo que na cidade ha de melhor, o seu aspecto é verdadeiramente encantador.

A Alameda sobre o mar com os seus renques de arvores exoticas e com a sua fonte monumental é tambem um bonito passeio, o melhor da cidade. Dentro do mar, na extremidade do molhe, a leste do porto, ha uma fortaleza com um pharol girante; aconselhamos o *touriste* a que não deixe de dar um passeio até aqui, porque é um dos mais bellos da cidade. D'elle se descobre o Mediterraneo, em grande extensão, e uma grande parte de Malaga com os seus arredores.

Malaga tem varias praças; mas as mais notaveis são as da Constituição, ao cimo da rua do Marquez de Larios, onde se andava construindo um lago com um repuxo monumental em bronze, a de Riego e a da Victoria.

A municipalidade mandou levantar, na praça de Riego, uma columna para commemorar as quarenta e nove victimas da liber-

dade, ahi fuziladas depois da infeliz conspiração de 1831.

Em uma das suas faces se lê uma inscripção, que diz assim: «Depois d'este exemplo, cidadãos, nunca mais consintaes tyrannos».

Foi organizador da conspiração o valente general, D. José Maria Torrijos, que tão conhecido se tornára na guerra da independencia. Perseguido, em 1823, por causa das suas ideias liberaes, e destituido do commando, entendeu ser chegado o momento de fazer vingar as instituições liberaes no seu paiz, depois da revolução franceza de julho de 1830.

Para isso organisou uma pequena expedição, que dirigiu a Malaga, onde contava com o governador militar; este, porém, fez prender os conspiradores, atraiçoando o seu antigo camarada, e dentro em poucos dias eram fuzilados quarenta e nove dos mais salientes por ordem expressa do *clemente* Fernando VII. Torrijos era a victima da cabeceira do rol.

Malaga tem um excellente mercado feito

de ferro, semelhante ao da praça da Figueira, em Lisboa.

Possue tambem a sua praça de touros e outros monumentos, merecendo especial menção a sua cathedral.

É um majestoso templo de tres naves, estylo renascença, sustentadas em columnas de ordem jonica. Quadros e estatuas de muito merecimento, dos melhores mestres hespanhoes, a embellezam.

Subimos a uma das torres, que tem 365 degráus, e mais de cem metros de altura, e d'aqui gosámos os esplendidos panoramas da cidade e seus suburbios. Emfim, qualquer viajante passará em Malaga com modica despeza alguns dias agradavelmente.

Mas continuemos a nossa peregrinação para Granada. Como o Ashaverus da lenda, o viajante não póde demorar-se muito tempo nas localidades, que visita; antes caminha, caminha sempre.

Não vai impellido por uma força sobrenatural; mas pelos turbilhões do vapor, que o podem levar aos ultimos confins da terra.

CAPITULO IX

Granada

No dia 8 de abril tomámos o trem que conduz a esta cidade, e aqui chegámos já de noite.

Atravessámos Granada para nos irmos hospedar no hotel de Roma, o melhor e o mais bem situado da cidade para quem quizer ver a preceito a celebre Alhambra, que lhe fica perto.

Granada fica n'uma planicie e a Alhambra no alto de um monte, subindo-se por uma comprida rampa, que é talvez o mais formoso passeio da cidade.

Ha n'esta rampa tres avenidas: na central, a mais larga, correm aos lados duas verda-

deiras ribeiras, em largas valletas, e as avenidas dos lados estão separadas da central por magnificas mattas de altissimos alamos negros, que lembram os do Bussaco.

É ao cimo d'estas mattas que fica, a um lado o hotel de Roma, e do outro o hotel New-York, tambem excellente. Tem jardins contiguos, cozinha á franceza, e d'elles se disfructam arrebatadores panoramas. O seu preço regula por dezoito pesetas.

Sombras, verdura, abundancia de aguas é o que mais ha n'esta aprazivel estancia.

Logo depois de um excellente almoço, começámos a nossa visita á Alhambra, entrando pela porta arabe chamada *judiciaria*.

Não cabem nas rapidas notas de um *touriste*, que pouco tempo póde dedicar a este notabilissimo monumento, as transformações por que elle tem passado atravez dos seculos, antes e depois da conquista, nem a descripção das torres e das portas da fortaleza, algumas d'ellas bem dignas de menção pelo seu valor historico e artistico.

Limitar-nos-hemos a transcrever aqui as notas das nossas impressões pessoaes com

algumas explicações, que colhemos, e possam dar ideia do que é a maravilha, de que nos vamos occupar.

E tão elevado é o assumpto, que por mais incompleta e pallida que seja a nossa narrativa, o leitor não poderá deixar de julgar interessante o que vai ler-se. Mas, se poder, faça antes uma viagem a Granada, porque avaliará com os seus proprios olhos o que as descripções nunca poderão dizer, por mais bem feitas que sejam.

A Alhambra era uma fortaleza cercada de muralhas e de torres, tendo dentro os paços dos reis mouros de Granada; e é sem duvida o mais bello monumento arabe de toda a peninsula, e talvez de todo o mundo.

Mas ninguem imagine achar nos paços de Alhambra a regularidade classica de frente, de divisões, de fórmas dos palacios em estylo romano, ou da actualidade. Assim como as aves mais gentis e delicadas escondem na folhagem mais escura e espessa os seus macios ninhos, tecidos com a arte mais consummada, assim tambem os reis de Granada mascararam as maravilhas dos seus paços

com muralhas e construcções vulgares, que em nada revelam os thesouros que guardam.

Entra o viajante no palacio, e até chegar ao *pateo dos leões* nada ha que lhe revele os encantos artisticos, que o vão deixar absorto.

Mas chegado ao famoso pateo, como nas magicas, logo o scenario muda repentinamente, e o *touriste* fica extatico e transfigurado ao contemplar os mais ricos primores de arte das galerias d'esta formosissima estancia!

Parece-lhe ter deixado o mundo real para entrar no templo do prazer e da immortalidade.

Duvída se estará na habitação d'esses reis mouros, que, como sombras, passaram por esse solo abençoado da Andaluzia, se nos romanticos palacios encantados, que, segundo as lendas imaginosas do povo, eram habitados por lindas mouras, que ahi dividiam o seu tempo pela musica, pela poesia, pelos prazeres sensuaes. E quem sabe se essas poeticas lendas tiveram a sua origem á vista de paços como os da Alhambra?...

Quem leu nas *Mil e uma noites* o que a

imaginação oriental póde produzir de maravilhoso, os prodigios da alampada de *Aladino*, poderá imaginar o que são os paços da Alhambra.

Bellos monumentos architectonicos e esculpturaes tem produzido a poetica imaginação arabe, na Asia, no Egypto e na peninsula; quem entra, sem ter visto a Alhambra, no *Alcazar* de Sevilha, fica encantado com os seus primores, parecendo-lhe que nada haverá melhor no genero; porém a Alhambra está acima de todos esses monumentos, porque as maravilhas dos rendilhados, das laçarias, dos arabescos dos seus arcos, dos seus frisos, das suas abobadas, attingiram o ultimo gráu na escála da perfeição.

Nos paços da Alhambra cada aposento, cada pateo tem fórmas diversas, cada qual mais bella, e as suas decorações são de uma variedade e opulencia verdadeiramente infinitas.

Admiram-se as suas airosas galerias, firmadas em elegantes columnas de marmore, e os seus tectos artezonados de madeiras odoriferas, em que brilham as mais esquisitas

pinturas, os primorosos e variados azulejos, que revestem os muros até á altura de um homem; mas os trabalhos em estuque, em que as linhas geometricas se cruzam e entrelaçam em infinita variedade de figuras, com os mais delicados rendilhados, são tão correctos, são de uma belleza tão peregrina, que ainda o observador mais obtuso e insensivel ficará pasmado e absorto ao contemplal-os!

O amador, e até o artista, não saberá decidir-se na escolha de qual é o mais bello e perfeito trabalho. Será o das curvas stalactiticas dos arcos, as decorações e ornatos dos frisos, das suas cintas divisorias, das cornijas, dos entablamentos? É impossivel dizel-o.

Certamente que inspiradas e pacientes fadas phantasiaram para os paços da Alhambra esses inimitaveis primores, executados com a arte mais requintada, com o gosto mais delicado.

Mas tentemos dar uma ideia dos principaes compartimentos, começando pelo *pateo dos leões,* a parte mais bella e monumental do edificio.

É um parallelogrammo de trinta metros de comprimento por dezeseis de largo, tendo ao centro duas bacias de marmore branco, talhadas em volta de uma pyramide da mesma materia, parecendo a inferior, a mais larga, achar-se sustentada no dorso de doze leões de marmore preto.

Foram estes que deram o nome ao pateo.

Do alto da pyramide repuxava n'outro tempo um jacto de agua, e jactos de agua repuxavam das fauces abertas dos leões a abastecer os compartimentos do palacio.

As aguas do rio Darro, engenhosamente elevadas ao alto do monte, alimentavam assim a fonte e toda a Alhambra; e são provavelmente as aguas d'este rio que vimos correr na avenida central, que conduz ao hotel de Roma, como vimos. É o pateo cercado de galerias, sustentadas em airosas columnas com capiteis artisticamente lavrados, e tanto estas, como o pavimento, são de marmore branco.

Muitas têm grupos de capiteis sobrepostos d'um arrojo de architectura e ornamentação sem egual, e os seus arcos apresentam a mais

phantastica variedade de laçarias, e arabescos.

Quasi todos têm a fórma de ferradura, mais ou menos accentuada. Mas que infinitos tons e variedades nas suas curvas e nos seus enfeites!

Mais ou menos apertados, uns approximam-se do arco romano, outros do gothico; e, firmados em pequenas galerias de columnellos, apilastrados na parte superior dos capiteis, na sua superficie desenham-se, em uns, canneluras em espiral, n'outros, magnificos arabescos, e em muitos, pingentes stalactiticos, formando na curva pequenos arcos e abobadas.

E os seus frisos são transparentes, como a mais fina renda, imitando gelosias. Uma verdadeira maravilha.

São as paredes divididas em paineis, em que continua a mesma riqueza e variedade de laços, arabescos e linhas, formando as mais correctas figuras geometricas; e no fundo d'estes opulentos relevos, o ouro, o azul, o carmim mais vivo!

As cintas que separam os frisos, ou cor-

rem verticalmente dos tectos sobre os capiteis das columnas, têm inscripções arabes coloridas, contendo suras do Alkorão, ou phrases encomiasticas das virtudes dos reis de Granada, e da belleza do edificio.

Os tectos em madeira de cedro, lavrada e pintada a ouro e outras côres, são dignos do conjuncto, e não são o que causa menos admiração.

Emfim, cada um dos lados, cada um dos angulos do pateo apresenta ao observador sua perspectiva diversa.

E todavia tanta variedade em nada prejudica a regularidade de fórma, a unidade e harmonia do edificio. A monotonia é de todo desconhecida nos compartimentos dos paços da Alhambra.

E, se a solidez é um dos requisitos essenciaes em toda a peça architectonica, a d'esses paços não é uma das suas qualidades menos admiraveis.

Essas galerias, firmadas em delicadas columnas, de arcos phantasticos sobre capiteis complicados e sobrepostos, têm resistido á acção de alguns seculos, e na maior parte

dos estuques não se vê uma deslocação, e nem sequer uma fenda!

É certo que na Alhambra se têm feito algumas restaurações; mas a maior parte d'ellas foram causadas mais pelo vandalismo dos homens, do que pela acção dos tempos.

Quem contempla esta formosissima estancia, monumento sem rival, eleva-se a seus proprios olhos, pensando que homens poderam inventar e executar taes maravilhas.

Poucos são os compartimentos da Alhambra a que não andem ligados factos historicos e romanticos.

Diz-se que foi no *pateo dos leões* que se fez o contracto de casamento entre o principe Abu-Abdallah-Juzef com a celebre e formosa Zahira, e que por essa occasião aqui se deu um lauto banquete á moda castelhana, a que assistiram os embaixadores de França e Castella. A solemnidade foi tal, que até nos chegaram os seus eccos.

A SALA DOS EMBAIXADORES. — Depois do *pateo dos leões,* é esta sala a mais grandiosa e bem ornamentada.

Foi destinada, como o está dizendo o seu nome, para as grandes recepções e audiencias de enviados estrangeiros.

É alta, espaçosa, digna do fim a que a destinaram. O arrojo da sua architectura, a opulencia das suas decorações, rivalizam com as galerias do *pateo dos leões,* se em parte lhes não são superiores. Como n'este pateo, ha a admirar a infinita variedade dos seus relevos em estuque com o fundo das mais vivas côres; e os frisos, em cujas cintas abundam as inscripções arabes, são espaçosos e quasi todos com arabescos e traçados, cada qual mais bello.

Porém, o que mais chama a attenção do observador, n'este soberbo salão, é o seu tecto entretecido de preciosas madeiras, onde se acham lançados artisticos artezões e figuras geometricas muito caprichosas e elegantes.

Esta sala foi uma das modificadas e restauradas, e acha-se por isso em excellente estado de conservação.

Foi n'ella que reuniu um conselho, presidido pelo rei Boabdil, a quem os chronistas

do tempo chamam El-Rei Chiquito, composto dos principaes personagens do reino, vizires, ulemas, alcaides, generaes, formando as tropas nas praças e adarves, quando se tractou da capitulação de Granada, cercada por Fernando e Izabel, a catholica; e dizem que foi n'este acto que o altivo e bravo general Muza, sabendo que o rei já tinha tractado secretamente com os reis catholicos, o increpára, chamando-lhe traidor e cobarde, e affirmando que elle não se sujeitaria á humilhação da entrega; que depois sahira do conselho arrebatadamente, e com alguns valentes, que o quizeram acompanhar, fôra pelejar ainda com os christãos, retirando-se para Africa.

Tambem no anno de 1319 se deu, n'este salão, um d'esses sangrentos successos, que não eram raros nos paços dos reis mouros. Parece que um poderoso alcaide amotinára soldados e povo; que o povo invadira os paços da Alhambra, e, menosprezando o fraco rei Mohamed III, acobardado no throno, assassinára, diante d'elle, o valido vizir, obrigando o rei a abdicar no principe Nazar.

A esta tragedia seguiu-se uma guerra civil de successão, que, como tantas outras, contribuiu para enfraquecer o então já abalado imperio musulmano na Hespanha.

Diz a tradição que foi ainda n'esta sala que Izabel a catholica deu uma das audiencias a Christovão Colombo, em que o celebre navegador lhe expozera os seus projectos de descoberta do Novo Mundo.

Sala dos Abencerragens. — É mais pequena do que a dos embaixadores, mas nem é menos bella, nem menos famosa.

São muito notaveis, n'esta sala, a porta de entrada, e a abobada em fórma de estrella com oito raios, que são dois primores de arte mourisca. Tem soffrido varias restaurações, mas ainda tem bastante das construcções originaes. O seu nome vem-lhe do fim tragico que ahi tiveram os principaes personagens da poderosa tribu dos Abencerragens. Segundo a tradição, era grande o odio entre a gente d'esta tribu e a dos Zegries; e dizem que, vencidos aquelles, em um torneio, um Zegri accusou publicamente os Abencerra-

gens de manterem relações com os christãos, e a Hamet, um dos principaes, de ter amores secretos com a rainha; que por isso o rei os attrahira a um festim, e ahi os fizera trucidar.

Depois d'esta horrivel tragedia, foi a rainha julgada e condemnada a ser queimada; mas que, no dia da execução, appareceram quatro paladinos, que demonstraram a innocencia da accusada.

O caso tem dado logar a varias obras litterarias.

Ha ainda outras tradições não menos romanticas, sobre o fim tragico dos Abencerragens. Diz-se que o rei Hacem se enamorara de tal modo de uma captiva christã, chamada Zoraia, que a sultana Aixa, cheia de ciumes, receiára pela vida dos filhos; e, disfarçando-os com fatos e toucas das odaliscas, com elles fugira pela torre de Comared para Guadix; e como os Abencerragens lhe tinham favorecido a fuga, foram por isso assassinados, como dicto fica.

A SALA DAS CAMAS E DOS BANHOS. — É um dos compartimentos mais interessantes dos

paços da Alhambra, e por onde melhor se podem avaliar os costumes dos reis de Granada. Existem ainda n'esta sala os tanques, em que estes principes tomavam banho, com as torneiras de bronze, atravez das quaes se escoava a agua quente ou fria para o temperar.

Perto acham-se duas alcovas com estrados de azulejo, em que estiveram almadraques para o sultão repousar, depois do banho, e onde provavelmente passava horas de prazer.

É o aposento mais recondito e mysterioso do palacio.

Tem pouca luz, e essa vem-lhe das janellas de uma galeria, que do andar superior deita para a casa dos banhos; de modo que este compartimento conserva-se sempre n'uma especie de penumbra. Parece que, durante o banho e o repouso do sultão, as odaliscas, encostadas aos parapeitos das janellas da galeria, aligeiravam o tempo do feliz mortal, recitando-lhe quentes poesias, ou executando musicas sensuaes, convidando o seu senhor aos prazeres do amor.

Era na terra o paraiso inventado pelo

philosopho Mahomet, que tambem conhecia a indole imaginosa e o temperamento dos povos orientaes.

Como as instituições politicas, tambem as religiosas se devem moldar pelos costumes e mais circumstancias dos povos, aos quaes têm de se adaptar...

Podiamos ainda descrever a *sala da justiça*, onde os reis de Granada davam as suas audiencias, ou reuniam o divan, em que eram tractados os altos negocios do estado, e valeria bem a pena descrever os seus magnificos porticos, verdadeiros primores de arte; podiamos fallar da *sala das duas irmãs*, assim chamada, segundo uns, porque, no seu pavimento, ha duas grandes lages de marmore eguaes, e, segundo outros, porque aqui estiveram captivas duas raparigas irmãs, que vieram a morrer de ciumes uma da outra; podiamos mostrar o que é o *miradouro* da sultana Lindaraxa com a sua janella monumental dupla, deitando para os jardins do palacio e vergeis do rio Darro, onde a bella sultana passava horas de devaneio, magnifico pavilhão, cuja architectura disputa pri-

mores com a delicadeza dos ornatos; e não seria tambem ocioso dizer da mesquita dos paços da Alhambra, hoje deturpada e convertida em templo christão, mas ainda assim digna de menção: mas para que?...

Seria a repetição das maravilhas dos outros compartimentos, que já descrevemos, embora sempre novas e variadas.

Não obstante faremos especial indicação do pateo dos *arraianes,* por causa da sua elegancia e originalidade.

É um parallelogrammo com o pavimento de marmore branco; tem ao centro um tanque rectangular, e aos lados dois espaçosos canteiros de bonitos e verdes myrtos de folha miudinha, a que os hespanhoes chamam *arraianes.*

É d'aqui que lhe veiu o nome.

Dá ingresso ao pateo uma encantadora galeria, firmada em bellos pilares de marmore, talvez a mais bella de todo o edificio. Aqui parece que os artistas arabes quizeram exceder-se a si mesmos, no porte majestoso dos arcos, e na perfeição dos lavores e laçarias.

Emfim, os paços da Alhambra são de uma tal magnificencia e belleza, que, quando Carlos v ahi entrou pela primeira vez, e lançou a vista de uma das suas janellas para os seus esplendidos panoramas, exclamou: «desgraçado de quem tal perdeu! Se eu tivera sido Boabdil (1), antes escolhera esta Alhambra para sepultura, do que vivera fóra d'ella, em Alpujarras».

A descripção, que a rapidos traços ahi fica, não póde deixar de ser incompleta e imperfeita. São tantos os compartimentos da Alhambra, é tal a perfeição e variedade da ornamentação, das decorações, dos arabescos, dos seus planos e das suas fórmas, cada qual mais encantadora, que o *touriste* amador não sabe por qual se ha de decidir, na escolha do melhor; e para fazer de todos uma conscienciosa e perfeita descripção, debaixo do ponto de vista artistico, seria necessario, além de competencia, o exame de muitos dias, de que não podémos dispor.

(1) Assim se chamava o rei mouro de Granada, quando a praça se rendeu aos reis catholicos, Fernando e Izabel.

Contiguo aos paços da Alhambra mandou Carlos v construir um soberbo palacio em estylo greco-romano, que não chegou a concluir-se, mas que, a avalial-o pelos seus porticos, janellas e plano geral, devia ser uma grandiosa construcção.

Para se edificar foram demolidas muitas casas arabes de particulares, que moravam na Alhambra, e alguns compartimentos dos paços.

Concluiremos a descripção da Alhambra, fazendo menção do palacio e quinta, chamado *Generalife,* que é como que o seu complemento.

Está o *Generalife* situado no mais alto do monte, em posição superior e a alguns metros da Alhambra, e n'outro tempo communicavam entre si, pois que o *Generalife* era outra vivenda dos reis de Granada, uma especie de dependencia da Alhambra. Como fica em posição mais elevada, são mais vastos os seus horisontes, e mais bellos e variados os seus panoramas.

É d'aqui que melhor se vê a Serra Nevada com os seus pincaros eternamente cobertos

de gelo. A sua vista é imponente, e é como que um retalho da Suissa enquadrado na Andaluzia.

Dizem uns que lhe veiu o nome de *Generalife* por ser uma casa destinada ao prazer e ao recreio, onde foram dados lautos banquetes, e se passaram episodios mais ou menos romanescos; porém outros, talvez com mais razão, affirmam que a origem do nome veiu de um grão vizir, de Abedallah III, que tinha sido alarife (carpinteiro), o qual pelas suas aptidões occupára aquelle elevado cargo.

Esta vivenda principesca pertence actualmente a uma familia nobre italiana, Palavicini. Para se poder visitar é preciso licença do consul italiano. O palacio foi construido em estylo arabe, e comquanto conserve alguns dos seus ornatos primitivos, acha-se deturpado por varias restaurações e novas obras posteriores á conquista.

Ha em algumas de suas salas retratos em vulto natural de reis e outros personagens, arabes e christãos, alguns com suas arvores genealogicas; e abundam n'ellas as inscripções arabes.

Contiguo ao palacio acha-se um pateo chamado dos *cyprestes*, onde existe uma d'estas arvores, bastante carcomida, devendo ter alguns seculos de existencia; e diz a lenda que, ao pé d'este cypreste, fôra surprehendido pelo sultão um dos Abencerragens, Hamet, em colloquios amorosos com a sultana Aixa, sendo esta uma das causas da perda da tribu, como vimos n'outro logar.

O jardim tem muita abundancia de agua, muitas ruas, abobadas de verdura, e com quanto seja digno de ver-se, nada tem de extraordinario.

Ainda assim, quem visita a Alhambra deve tambem ver o Generalife, por causa dos esplendidos panoramas, que de lá se gosam.

Só para visitar a Alhambra valeria a pena ir de muito longe em peregrinação a Granada; ha, porém, na cidade muitos outros attractivos, de que passamos agora a occupar-nos.

Granada está situada em uma extensa planicie, na confluencia dos rios Darro e Xenil, e rodeiada de bonitas hortas e vergeis, é ainda hoje uma importante e formosa

cidade; mas no tempo da dominação arabe, e principalmente no seculo que precedeu a conquista, era, depois de Sevilha, a segunda ou terceira cidade da Hespanha, chegando a ter 400:000 habitantes, quando agora não chegará a ter a quarta parte.

As sciencias, as artes e as industrias ahi attingiram extraordinario desenvolvimento, e as suas sedas eram consideradas as primeiras da Europa. Capital do reino do mesmo nome, séde da côrte mais illustre e polida d'aquelles tempos, quasi sempre em relações cavalheirescas e amistosas com as outras côrtes, era visitada e enriquecida por tudo quanto de mais notavel havia n'esse tempo.

E muito embora estivesse perfeitamente defendida pela natureza, e pela arte da guerra, de outro modo se não poderia explicar a existencia d'este pequeno reino independente, na peninsula, depois de expulsos os sarracenos de todas as outras regiões das Hespanhas.

Granada deve a sua existencia e o seu engrandecimento aos arabes, porque foram elles que a edificaram perto das ruinas da

antiga Illiberi, e porque foram elles que a augmentaram com toda a qualidade de melhoramentos.

Foi em 1492 que os reis catholicos, Izabel e Fernando, a tomaram aos mouros. Porém a empresa offereceu-lhes graves difficuldades, custou muito sangue e muito dinheiro, e, ainda assim, Granada só se rendeu pela fome, depois de um assedio de muitos mezes.

Em maio d'aquelle anno apresentára-se Fernando diante dos muros da cidade com um poderoso exercito de quarenta mil infantes e dez mil cavalleiros, e poz á praça apertado cerco; mas esta com a sua dupla cinta de muralhas, flanqueada por muitas torres, com as suas tres cidadellas, uma d'ellas no monte da Alhambra, guarnecidas de poderosa artilheria, bem municiada de viveres, e defendida por um exercito de trinta mil homens, e por muitos milhares de cidadãos armados, oppoz uma tal resistencia, que Fernando entendeu logo que só pela fome a poderia fazer render.

Mandou, pois, devastar todos os campos em volta de Granada, e interceptar-lhe todas

as communicações com o exterior; e como a empresa havia de levar bastante tempo para dar o esperado resultado, mandou construir no acampamento uma especie de cidade, a que chamou *Santa Fé,* como quem mostrava que não sahiria d'alli, sem fazer render a cidade.

Emfim, depois de seis mezes de assedio, approximando-se o inverno, e faltando os vivêres na cidade, teve a praça que capitular, para o que muito contribuira a presença de Izabel, que viera animar os trabalhos do cerco.

Mas, durante aquelles seis mezes, quantos feitos gloriosos se commetteram em volta dos muros de Granada!

Eram raros os dias em que os sitiados não fizessem furiosas sortidas, e muitos extremados guerreiros de ambos os campos alli morderam a terra.

Os poetas e chronistas do tempo cantaram as façanhas da tomada de Granada, porque o seu cerco foi, por assim dizer, o ultimo torneio sangrento da *edade media* nas Hespanhas, em que tanto brilhou a bravura do

afamado paladino Gonçalo de Cordova, o heroe dos christãos.

Tinha acabado a *edade media* com os seus cavalleiros, e iam succeder-lhes as altas combinações da estrategia moderna, alliadas aos incessantes aperfeiçoamentos das machinas de guerra.

A tomada de Granada era o fim da successão de muitos seculos, que começára na batalha do Guadalete.

Na capitulação foram concedidas ao rei Boabdil, em apanagio, algumas praças na Serra de Alpujarras; mas o seu dominio pouco durou n'esta paragem.

A população mourisca ficou quasi toda na cidade, pagando pesadas contribuições para conservar bens, costumes e religião; porém, como mais tarde se revoltassem, foram mandados expulsar por Filippe II. Diz-se que, tendo Boabdil entabolado relações secretas com os reis catholicos para a entrega de Granada, e sabendo-o a rainha mãe, tomára o filho pela mão, e, conduzindo-o á torre de Comared, d'onde se avistava a cidade com todos os seus monumentos e es-

plendidos panoramas, lhe disséra: «Olha o que entregas, e recorda-te que todos os teus antepassados morreram reis de Granada, e que o reino acaba em ti».

Quando Boabdil caminhava para o desterro de Alpujarras, parou a distancia de Granada, e, voltando-se, olhou para a cidade; mas saudoso, e deslumbrado pelo imponente espectaculo da capital do seu reino, que acabava de perder, chorou amargamente a sua desdita. Então a corajosa e altiva sultana mãe o increpou, dizendo-lhe: «Chora agora, como mulher, o que como homem não soubeste defender».

Na peninsula não ha cidade de mais recordações arabes, nos monumentos e nos costumes dos habitantes, do que Granada; porém, desde a conquista, os reis de Hespanha tanto a têm enriquecido com varios monumentos religiosos e profanos, e as municipalidades de tal modo lhe têm modificado a feição, que não está longe a epocha em que a sua transformação será completa.

Até aqui temos descripto a parte arabe da cidade, agora vamos tractar da parte

christã, no que n'ella conhecemos de mais notavel, que é muito.

Tem o logar de honra a sua cathedral, soberbo monumento, no genero um dos primeiros da Hespanha.

E na verdade um majestoso templo de cinco naves, apoiadas em columnas gigantescas. A sua construcção em estylo greco-romano data do seculo XVI.

Tem a cathedral de Granada a fórma de uma ferradura, e a luz, coada atravez das suas vidraças de vivas côres, onde se acham desenhadas algumas das scenas da paixão de Christo, produz no visitante um effeito magico.

O altar-mór, sustentado em vinte columnas de ordem jonica, com as suas estatuas dos doze apostolos, e um bello entablamento, é uma magnifica peça de architectura e ornamentação.

Tem varias capellas lateraes, em que se admiram muitos quadros, estatuas e baixos relevos dos melhores mestres hespanhoes. Mas a capella real, contigua á cathedral, que por si só constitue um templo, é de todas a mais preciosa e imponente, tanto debaixo do

ponto de vista artistico, como historico. O *touriste* não deve deixar de visital-a. Para aquilatar o valor d'esta capella, bastará dizer que n'ella se guardam os restos mortaes dos reis catholicos, Fernando e Izabel, que deram á Hespanha a unidade e um novo mundo, e que lhe conquistaram Granada, expulsando da peninsula os restos da dominação agarena, que durava havia perto de sete seculos!

No centro da capella erguem-se dois soberbos mausoleus, magnificamente lavrados, repousando n'um as cinzas dos reis catholicos, e no outro, outros personagens principescos. Na tampa estão deitadas as estatuas dos monarchas, e inscripções lateraes resumem a sua biographia.

Ha na capella baixos relevos muito curiosos, supposto que deixem a desejar, quanto á perfeição do trabalho: representam o alcaide mouro e a sua comitiva no acto da entrega das chaves da cidade aos reis catholicos, depois da capitulação de Granada.

N'esta capella ha quadros de bastante merecimento, segundo a opinião de pessoas competentes.

O paço do bispo, que não podémos ver, tambem fica contiguo á cathedral, e dizem-nos que é muito notavel.

Depois do rapido exame da cathedral, fomos ver a egreja e sacristia do convento da *Cartuja,* e não tivémos de nos arrepender. Se a egreja pouco tem de notavel, a sacristia merece bem a visita do artista e do amador.

Os seus muros são ornamentados com bellos relevos e pilastras, e nos altares admiram-se finos e raros marmores brancos, raiados de roxo, preciosos pela excellencia da sua qualidade, e pelas fórmas e figuras caprichosas que a natureza n'elles desenhou. Em alguns vêem-se figuras mais ou menos phantasticas de homens, animaes e outros seres.

Ha aos lados das paredes dez armarios de ebano com incrustações de marfim e nacar, e com gavetas de tartaruga, que são verdadeiras preciosidades.

Dizem que este convento se edificou em memoria de um feito glorioso de Gonçalo de Cordova. Parece que o grande capitão repellira até aqui uma numerosa partida de mouros, logo no começo do cerco de Granada, e

ajoelhara a dar graças a Deus por tão auspicioso feito; por isso, no local onde se deu o successo, se mandou levantar o convento.

Em Granada ha muitos outros monumentos e edificios de menos importancia; mas não deixe o *touriste* de visital-os, se tiver tempo, porque alguns são dignos de se ver.

Entre elles póde contar-se a antiga *Universidade,* actualmente frequentada por uma média de setecentos estudantes, que n'ella se podem formar em Direito, Theologia, Medicina e outras sciencias; *museus de pintura* e antiguidades; a egreja de S. Jeronymo, onde repousam as cinzas de Gonçalo de Cordova, o *Gran Capitan,* como lhe chamam os hespanhoes; o *Real Hospicio,* no genero um dos melhores da Hespanha, mandado construir pelos reis catholicos para albergar mil asilados, dementes, meninos orphãos ou abandonados, e mendigos; o *palacio da justiça,* edificio majestoso, em que n'outro tempo foi a Universidade; e muitas outras egrejas e casas particulares, que seria prolixo, mas não sem interesse, mencionar. São estreitas muitas das mais antigas ruas da cidade, e

ladeadas de velhos e pequenos predios; mas algumas ha bastante espaçosas e guarnecidas de bons palacetes e estabelecimentos commerciaes.

As suas industrias não se podem comparar com o que foram n'outras eras; mas ainda assim têm um certo valor.

Granada possue bonitos passeios e jardins. Além dos passeios da Alhambra, a que já nos referimos, merece especial menção o *passeio de inverno* sobre o Xenil, o *passeio de verão,* ensombrado de bellas arvores, a praça de Campilho e outros.

É n'esta praça que, ha poucos annos, se levantou uma estatua de marmore branco á memoria da patriota heroina, Mariana Penedo, uma das mais sympathicas victimas das liberdades hespanholas. Em uma das revoluções liberaes fôra Mariana Penedo incumbida de bordar uma bandeira para os revolucionarios; soube-o a auctoridade, e mandou prendel-a, a fim de que ella os denunciasse. Mas Mariana Penedo, dotada de rara coragem, e de uma grandeza de alma superior á das Clelias da antiga Roma, não

cede a ameaças, e recusando-se sempre a revelar os nomes dos revoltosos, sobe impavida ao cadafalso!

Como era possivel a existencia e conservação de um regimen politico, que premiava com o assassinio as virtudes e o bello caracter da nobre Granadina?!...

Bem andaram os hespanhoes em lhe levantar uma estatua, porque a heroica mulher honra a Hespanha e a humanidade...

Os ciganos, essa horda errante, que vive da fraude e da rapina, fóra da sociedade civil, têm em Granada o seu quartel general. Habitam em um bairro á parte, e não é este das coisas menos curiosas da cidade.

O bairro dos ciganos acha-se adossado a uma montanha, e esta está minada de cavernas e buracos, onde os ciganos se escondem durante os ardores caniculares, que em Granada são de se lhes tirar o chapeo.

Mas o viajante que quizer visital-o, e dizem que vale a pena, deve fazer-se acompanhar pelo rei dos ciganos e por um policia, quando não arrisca-se a ser roubado, e até assassinado.

O rei dos ciganos é um personagem com attribuições pouco definidas, mas que todo o cigano cegamente respeita.

Em Granada nos despedimos saudosos dos nossos companheiros, que voltaram a Sevilha para assistir á celebre feira, e seguimos a nossa peregrinação para Cordova, onde tambem muito tinhamos que ver e admirar.

CAPITULO X

Cordova

Em 11 de abril estavamos em Cordava, no hotel Suisso, em que se paga doze pesetas. De Granada a Cordova gastam-se umas cinco horas com uma despeza de uns quatro duros em bilhete de primeira classe.

Cordova não é menos digna de se ver, do que Granada; como que se completam. Se em Granada ha que admirar, além d'outros monumentos, a Alhambra, em que o estylo arabe architectonico e de ornamentação chegou ao maximo gráu de perfeição, ha em Cordova a sua antiga mesquita, hoje convertida em cathedral, que é, n'um outro genero, um monumento não menos admiravel.

Os archeologos e artistas muito têm aqui que ver e aprender.

Cordova é uma das cidades mais celebres e antigas da Hespanha.

Colonia importante no tempo dos romanos, foi-lhes tomada pelos godos, que por sua vez a perderam, depois da batalha do Guadalete.

Tomada pelos arabes, em tal consideração a tiveram, que Abdurrhaman I, da dynastia ommiada, fez de Cordova a capital dos seus estados andaluzes, e n'ella creou, em 756, o kalifado de Cordova, e tanto elle como os seus successores muito a embellezaram e engrandeceram.

A sua população foi tal, que chegou a ter um milhão de habitantes, quando actualmente terá sessenta a setenta mil, se tanto!

Para se apreciar a sua magnificencia e importancia bastará considerar que chegou a ter seiscentas mesquitas, e novecentas fontes ou banhos publicos!

E que é de quasi todos estes monumentos?

Debalde os procurará o antiquario. Passou por elles o sopro dos seculos e a acção asso-

ladora das guerras, e os seus restos confundiram-se com o pó da terra.

As industrias cordovezas foram conhecidas em todo o mundo, e as suas escholas, universidades e bibliothecas eram frequentadas pelos homens mais illustres do tempo nas artes e nas sciencias.

Centro de selecta e numerosa população, visitada pelos sabios da Europa e do Oriente, em Cordova viram a luz do dia os dois Senecas, Lucano, Averhoës, o douto commentador de Aristoteles, e muitos outros homens notaveis. A amenidade do seu clima, a fertilidade dos seus campos, e os seus magnificos palacios e jardins, fizeram de Cordova a primeira cidade arabe da peninsula por esse tempo.

Cordova foi theatro de muitos dramas de amores tragicos, ou romanescos, e de varias scenas tumultuosas de ambição desenfreada e de sangue, que tanto contribuiram para arruinar o imperio musulmano nas Hespanhas.

Alexandre Herculano, no vol. 1.° da sua Historia de Portugal, por muitas vezes se refere a Cordova, fallando dos seus aconte-

cimentos politicos e d'essas scenas de sangue, na parte que se relaciona com a nossa historia. Comparada com o que foi, grande é a sua decadencia; mas ainda sustenta nobremente os pergaminhos do seu antigo e passado esplendor.

É como o fidalgo pobre, que, arrostando de frente com os males da velhice, e as privações da indigencia, se recusa a sacrificar os restos mutilados, mas ainda gloriosos, da herança dos seus maiores.

Não ha monumento, não ha rua, não ha casa, por humilde ou nobre que seja, que nos não offereça algum padrão, algum vestigio, deturpado, da sua passada opulencia!

Cordova foi tomada aos mouros, em 1236, por esse D. Fernando III, campeador terrivel contra os sarracenos, que, em Hespanha, desempenhou um papel semelhante ao do primeiro monarcha portuguez. Porém, depois da conquista, não abandonou os seus lares a maior parte da população civil, antes se sujeitou á lei do vencedor; e por isso muitos mestres em construcções architectonicas e outros officios ahi ficaram residindo promis-

cuamente com os christãos. É assim que se explica essa mistura bastarda do estylo architectonico e ornamentações arabes com o gothico, e mesmo romano, que se nota em muitos templos, e nas restaurações da mesquita, posteriores á conquista de que adeante fallaremos.

Não longe de Cordova está Baylen, onde pela primeira vez empallideceu a brilhante estrella de Napoleão, e onde as Aguias francezas succumbiram, sujeitando-se á mais humilhante capitulação.

Uma das causas d'este immenso desastre foram as violencias, os roubos e as violações, que os francezes, commandados pelo general Dupont, commetteram, quando entraram em Cordova.

Assim como Augusto Cesar invectivava *Varus,* perguntando-lhe pelas suas legiões, retalhadas na Germania, assim Napoleão increpava Dupont, estranhando que a mão lhe não seccasse ao assignar tão vergonhosa capitulação. Foi ahi que se convenceram os exercitos europeus de que afinal o grande homem não era invulneravel.

Cordova fica situada em uma ramificação da Serra Morena, na margem direita do poetico Guadalquivir, communicando com a margem esquerda por meio de uma velha ponte, firmada em toscos mas solidos pilares de granito.

Uns dizem que esta ponte é construcção romana, outros sustentam que é arabe; porém, como Cordova era já cidade importante no tempo da dominação romana, e como os romanos semearam muitas d'estas obras na peninsula, é quasi certo que foram estes que a construiram, muito embora os arabes a reconstruissem depois de alguma grande cheia, o que tambem é provavel.

No meio d'ella ostenta-se uma estatua dourada de S. Raphael, o patrono da cidade; e á entrada da ponte, do lado de Cordova, está outra estatua do mesmo santo, no topo de uma columna, em que se lê: «que elle S. Raphael defenderá a cidade.»

Mas S. Raphael descuidou-se, faltando á sua promessa, quando o general francez Dupont a levou de escalada, e consentiu que os seus soldados a saqueassem.

Os campos de Cordova são ainda ferteis e pittorescos; mas muitas das suas ruas são estreitas, mal calçadas e silenciosas. Ha no entretanto uma, a de S. Marcello, se bem nos lembramos, mandada construir pela municipalidade, que é larga, direita, bastante concorrida, onde se acham bons estabelecimentos commerciaes.

As praças do *Gran Capitan* e da Constituição são as melhores da cidade.

Aquella é arborisada de palmeiras e laranjeiras, o que aliás é muito usado na Andaluzia, e tem bonitos palacetes; a da Constituição é um vasto quadrilatero com arcadas, e é n'ella que se faz o mercado de viveres todos os dias.

Em Cordova ha um museu archeologico de objectos arabes e mosarabes, em bronze, barro, marmore e outras materias, onde se têm recolhido os restos que testemunham o valor e civilisação da antiga cidade dos Ommiadas. E em alguns pontos da cidade ainda se vêem as ruinas de banhos arabes, de muralhas, e alcazares, que muito interesse poderão offerecer ao antiquario e ao artista.

..

Mas o monumento que só por si vale bem uma jornada a Cordova, é a sua antiga mesquita, hoje conhecida pela celebre cathedral de Cordova.

Vamos agora occupar-nos d'ella.

É muito arduo e difficil dar uma ideia exacta do majestoso templo; mas tentemos sempre, já que nos impozémos esse dever.

Foi o kalifa Abdurrhaman I que, em 786 da nossa era, emprehendeu a edificação da soberda mesquita.

Querendo accentuar a independencia religiosa e politica dos seus estados, e crear o poderoso imperio musulmano do occidente, determinou, em conselho do seu *divan,* levantar uma magnifica *djama,* que igualasse, ou fosse superior á de Meka, e assim dispensasse os seus subditos de irem em peregrinação a esta cidade, em observancia de um dos preceitos do Koran.

Mas existia no local da construcção uma egreja christã da invocação de S. Jorge, que no tempo da dominação romana fôra um templo dedicado a Jano; e por isso ordenou

o arabe que fosse expropriado ao bispo e conde christãos de Cordova.

Como é sabido, os arabes, mais tolerantes que os christãos, deixavam que estes continuassem a viver nas cidades conquistadas, segundo os seus costumes e religião, ficando apenas sujeitos á administração geral e politica dos invasores. Mas aquelle negocio da expropriação não correu sem difficuldades, porque, para se concluir, foi preciso conceder aos christãos a faculdade de edificarem outra egreja, e conduzirem procissionalmente para outro templo as sagradas imagens e objectos do culto christão.

Segundo o plano traçado pelo proprio kalifa, grande seria a quantidade de marmores e materiaes de todas as qualidades que haviam de ser gastos na nova mesquita; e assim foram aproveitados materiaes romanos, gothicos e outros existentes no templo christão expropriado, e muitos que vieram das pedreiras da Serra de Elvira, de Macael e outros logares.

Era Abdurrahman I monarcha de muita illustração e superior espirito, e os chronistas

do tempo põem, na sua bocca, uma notavel allocução, proferida no *divan,* em que propoz a construcção da mesquita.

Os termos d'esse discurso chegaram atravez dos tempos até nós, e se realmente são da bocca do monarcha, provam a sua largueza de vistas, a sua tolerancia e a sua grande capacidade. Era elle quem dirigia e animava com a sua presença os trabalhos, que queria ver rapidos; mas a morte veiu surprehendel-o muito antes de os ver concluidos. A esplendida mesquita só se concluiu dez annos depois de começada, e foi no reinado de El-Kahem, em 795, epocha das maiores victorias para as armas musulmanas.

Entretanto, no decorrer dos seculos, varios melhoramentos lhe foram addicionados, e soffreu algumas modificações, como adeante se verá.

Como os paços da Alhambra, a cathedral de Cordova, vista exteriormente, pouco offerece de extraordinario, e só pelo estylo architectural de alguma das suas portas se poderá perceber que estamos junto a uma

mesquita mourisca. Mas, quando se entra no interior das suas naves, n'esse dedalo immenso de centenares de columnas, o espectador fica devéras assombrado de tanta majestade e grandeza!

Olha em qualquer direcção, e a perder de vista se lhe offerecem fileiras e fileiras de columnas, parecendo-lhe impossivel contar o seu numero, tão grande elle é!

Imagine o leitor achar-se em vasto campo, onde o lavrador intelligente tenha plantado milhares de arvores alinhadas; olha em qualquer direcção, e sempre ruas e ruas de arvores: tal é a cathedral de Cordova!

Para fazer ideia da grandiosidade d'este magnifico templo, bastará dizer que chegou a ter mil e quatrocentas columnas, e que ainda hoje tem perto de novecentas; que as suas naves são trinta e seis por um lado, e dezenove pelo outro; e que o seu comprimento é de perto de cento e vinte metros, com pouco menos de largura!

Se a mesquita de Cordova é um testemunho immorredouro da sciencia, da riqueza e das vivas crenças do povo que a levantou,

ella nos explica as rapidas e assombrosas conquistas d'esses filhos do Islam.

O majestoso templo devia, com effeito, inspirar-lhes ideias sublimes, dar-lhes a consciencia da sua força, e elevar-lhes a alma á comprehensão metaphysica de um Deus unico, arbitro supremo da felicidade humana, e do exito das mais arrojadas emprezas. Como diz o evangelho, é a fé uma força invencivel; e foi com a firme crença na lei do seu propheta que os arabes se engrandeceram e conquistaram a maior parte do mundo até então conhecido.

E não foi tambem nos tempos aureos da sua mais viva crença que os portuguezes fizeram surprehendentes descobertas e conquistas? Mas, quando essa raça cahiu no scepticismo interesseiro para fazer hybridas allianças com os christãos, seus inimigos irreconciliaveis; quando os sentimentos de familia e de patria foram substituidos pelos de vingança, e pela ambição dos caudilhos, o imperio musulmano começou a desmoronar-se, até chegar á sua ruina completa na peninsula.

As mesmas causas têm produzido, em toda a parte, os mesmos effeitos, porque tudo no mundo tem a sua logica. Assim aconteceu ao poderoso imperio romano, e assim tem acontecido a todas as nacionalidades nas mesmas circumstancias.

A moralidade e o ideal n'um principio elevado e digno são tão necessarios para a existencia das nações, como para os individuos é necessario o ar que respiramos.

Não poderão dizer-me qual é, nos tempos que vão correndo, o ideal da nação portutugueza?...

Mas, se os musulmanos, que ficaram em Granada, ainda ahi se sustentaram durante seculos, foi porque se apoiaram n'um outro ideal, n'uma outra ordem de crenças, na civilisação e na cultura das artes e das sciencias, que são tambem uma força.

Assim como a Alhambra foi uma especie de templo levantado ás commodidades da vida e aos prazeres mais requintados, mas nos moldes de uma civilisação superior, a mesquita de Cordova foi um templo levantado em honra do seu Deus todo poderoso,

na crença da immortalidade da alma e da sua felicidade futura, segundo as crenças do arabe. O que julgamos impossivel é que uma nacionalidade qualquer possa progredir, ou mesmo conservar-se, sem crenças, sem um ideal qualquer, mergulhada nas paixões, no prazer, nos gosos materiaes da vida. A ideia de patria, no seu sentido mais largo, é que actualmente faz engrandecer nações como a França, Allemanha, Inglaterra e outras.

As que descreram de si, que não têm confiança na sua força, na sua vitalidade, que nada fazem a favor do bem estar da humanidade, têm os seus dias contados, e são apenas umas agremiações de ambiciosos, toleradas pelas outras nações, por causa das difficuldades na divisão da presa, ou do equilibrio europeu. Assim pensámos, quando nos vimos no interior da grande mesquita; mas os seus pormenores bem merecem alguns momentos de recolhida contemplação.

Feitas de jaspe, porphyro, ou marmore de diversas côres, são as suas delgadas e elegantes columnas, e os capiteis approximam-se da ordem jonica com lavores diversos, uns

de trabalho bastante correcto, outros algum tanto imperfeito; e todas ellas têm o mesmo diametro, desde a base até aos capiteis, parecendo cravadas no solo, pois não têm soccos, em que se firmem. A sua altura não é em todas a mesma, e regula de dois e meio a tres metros.

Como as columnas não podiam dar ao templo a sufficiente altura, sobre ellas construiram os artistas arabes, com engenhosa distribuição de forças, duas ordens de arcos sobrepostos e cruzados, com as suas curvas em fórma de ferradura, pintadas alternadamente em pequenas secções de encarnado e branco.

E esta disposição de columnas e arcos, que dá ao templo um aspecto desusado e phantastico, mui diverso do dos templos christãos. Ha, porém, o *mirhab,* correspondente ao altar-mór das nossas egrejas, que tem arcos mais bellos e elevados, de fórma um pouco diversa d'aquelles, pois apresentam tons no genero gothico com as curvas em espiral. Era o tecto de madeiras aromaticas com seus lavores e pinturas, como eram

todos os dos edificios arabes notaveis; mas foi substituido, depois da conquista, por umas abobadas de máu gosto, caiadas como os claustros de qualquer convento, o que muito destoa da unidade e bom gosto primitivos.

É uma prosaica deturpação, como tantas outras que se vêem nos monumentos mais preciosos da Andaluzia.

Perto da capella do Rosario está gravado, no fuste de uma columna, um crucifixo, e diz a lenda que fôra feito com as unhas por um christão, captivo teimoso, que ahi foi preso por causa dos seus protestos e injurias contra a religião mahometana, e que se vingara dos máus tractos, gravando o crucifixo.

Não nos diz a historia se os christãos tinham, n'aquelle tempo, as unhas de aço, muito embora as suas crenças fossem de diamante; mas, se não tinham, talvez nos seja licito duvidar da historia.

A parte mais bella e imponente da mesquita é o Sanctuario, aquelle *mirhab,* a que já nos referimos. Situado no seu centro, era ahi que se guardava e reverenciava o divino

Koran, em um reclinatorio de madeira de sandalo com preciosas incrustações.

O reclinatorio era uma especie de carreta com rodas, de tamanho sufficiente para aguentar o livro, volume tão pesado, que eram necessarios dois homens para o mover.

O *mirhab* compõe-se de tres capellas, e aqui os arcos são mais altos e majestosos, e os seus ornatos e decorações contém trabalho mais delicado e correcto do que no resto da mesquita. Estas ornamentações são de epocha posterior á construcção da mesquita, porque o seu estylo é muito mais perfeito, e approxima-se do de Granada, que é tambem muito posterior.

O *mirhab* era tido em tanta veneração, que o peregrino, para n'elle ter entrada, tinha de dar sete voltas de joelhos em torno do seu recinto.

Parece que perto do *mirhab* havia outros compartimentos, onde se guardavam as vestes e outros objectos sagrados do culto, e onde o sultão e o seu sequito assistiam ás grandes solemnidades religiosas; mas esses desappareceram, havendo, todavia, quem sustente

que o logar reservado para o *Kalifa* e o grande sacerdote era na actual capella de Villa Viçosa, uma das da cathedral.

A mesquita tinha dezenove portas, e algumas d'ellas de bella architectura e ornamentação; e os vidros de côres das suas janellas dão-lhe um caracter devéras solemne e grandioso.

A sua riqueza era tal, que, no dizer de alguns chronistas, dez mil lampadas de prata e cobre, e vinte e oito candelabros a illuminavam! É possivel que ande por aqui alguma d'aquellas hyperboles, tão proprias da imaginação oriental; mas, em todo o caso, significa isso a grandeza e opulencia da mesquita, e n'isto não ha exaggerações.

Contiguo á mesquita havia um pateo com laranjeiras, mandado construir por *Almanzor,* e era n'elle que se faziam as abluções, antes de se entrar para o templo; e largos tanques, alimentados por enorme cisterna, forneciam as aguas para estes usos.

Conta-se que, quando Almanzor mandou alargar a mesquita, e fazer este pateo, tivera que expropriar predios de alguns particula-

res, e que uma velha, dona de uma casa com uma magnifica palmeira, se oppozera á expropriação, emquanto lhe não dessem outra egual. E diz a lenda que, sendo d'isto informado o guerreiro Almanzor, ordenara que arranjassem á velha outra egual, custasse o que custasse, e assim se fez. É a historia de Frederico o grande e do moleiro, que não queria vender o moinho.

Tinha a mesquita um soberbo minarete com suas escadarias e janellas; mas os christãos entenderam que haviam de demolil-o, e no seu logar fazer uma torre para a cathedral.

E lá está a torre, que só tem de notavel fazer recordar o antigo e bello minarete.

Era a mesquita tão venerada, que na sua visinhança não se consentiam casas escandalosas, nem mesmo estalagens e hospedarias, e os judeus não podiam passar calçados diante dos seus porticos.

Não houve no occidente um templo mais rico e majestoso do que a mesquita de Cordova, e os melhores e mais notaveis de Meka e Bagdad não lhe eram superiores. A par da

sua belleza era de uma admiravel solidez, pois tem resistido á acção de onze seculos, e, não obstante as suas deturpações, a parte da sua construcção primitiva está ainda tão segura e aprumada como quando foi feita.

Depois da conquista christã, tem soffrido alterações, que lhe abastardaram o caracter e a fórma original; mas, ainda assim, é um majestoso e esplendido monumento.

Algumas das suas naves lateraes acham-se mascaradas por varias capellas christãs, encostadas ás paredes, que alguns bispos e outros personagens ahi mandaram construir para satisfação de suas vaidades e devoções, e muitos se acham n'ellas sepultados.

Cavalleiro de linhagem, que morria ás mãos dos visinhos mouros de Granada, ali ia dormir o seu somno eterno, e não foram poucos os que tiveram esse destino. Hoje andam demolindo algumas d'essas capellas, a fim de desobstruir algumas das naves e columnas mascaradas por ellas, e de pôr a descoberto os arabescos e inscripções alkoranicas, de que os seus muros estão cheios.

Parece que ha projecto de restaurar o que seja restauravel, e honra seja a quem tomou essa iniciativa.

Mas o que não poderão demolir é uma sumptuosa capella gothica, que, no tempo de Carlos v, foi construida no centro da mesquita. É uma magnifica cathedral, como que cravada no centro de outra cathedral, ainda mais bella e majestosa, de estylo inteiramente diverso.

A cathedral nova é, sem duvida, um bello templo de nobre e artistica ornamentação; algumas das estatuas dos seus santos, muitos dos seus quadros, pintados por alguns dos melhores mestres hespanhoes, as suas grades, balaustradas e cadeiras do côro, são obras de arte de muita valia; e certamente que, se estivesse n'outro logar, seria um monumento digno de ser admirado. Porém, no local em que se acha, produz máu effeito, e o sentimento artistico não podia deixar de protestar contra os prejuizos e as conveniencias religiosas, que entenderam deturpar a mesquita e alliar estylos inconciliaveis. A introducção d'este corpo estranho na mes-

quita veiu realmente alterar-lhe a unidade e a harmonia.

Foi o cabido de Cordova que teve a infeliz lembrança de requerer se fizesse aquella construcção, allegando que a mesquita, como estava, não era propria para as pompas do culto christão, em um bispado.

Protestou a população da cidade contra uma tal pretenção, mas Carlos v mandou, em 1523, que a obra se fizesse.

Dizem que o monarcha se arrependera mais tarde, quando visitou a cathedral, mas era consummada a obra.

Emfim, a mesquita de Cordova e os paços da Alhambra são monumentos tão preciosos, que a Hespanha tem a sua honra empenhada, perante a arte e as nações cultas, em os fazer restaurar e conservar como museus de primeira ordem.

Alexandre Herculano, na lenda *O alcaide de Santarem,* falla-nos nos paços e jardins de *Azzarhat,* que, no dizer dos chronistas do tempo, era uma outra maravilha da arte mourisca.

O alcazar e paços de *Azzarhat* não existem

ha muitos seculos, e nem mesmo se sabe ao certo onde estiveram; e por isso mais pertencem ao dominio da lenda do que ao da historia; entretanto fallam d'elles com enthusiasmo o escriptor arabe *Al-Makkari,* e os chronistas de Affonso o sabio, em que provavelmente se fundou Herculano.

Eram os paços de Azzarhat situados a uns cinco kilometros, pouco mais ou menos, de Cordova; e, residencia favorita do Kalifa, parece que era uma mansão verdadeiramente encantadora, como aquelles deslumbrantes palacios creados pela alampada de Aladino. Dizem que tinha nada menos de quinze mil portas; que perto de cinco mil columnas de finos marmores sustentavam os seus soberbos aposentos e as suas esplendidas e vastas galerias; que as aguas cahiam a jorros nos seus banhos e formosos jardins; e que os arabescos e delicados lavores em estuque e madeiras com suas pinturas de vivas côres não tinham rival em todo o mundo!

Mas que é feito de tanta grandeza? Nem os restos das suas ruinas existem!

Apenas consta por tradição que um grande

incendio consumiu esses magnificos paços, e que alguns dos seus materiaes foram empregados no *Alcazar* de Sevilha e n'outras construcções.

Alguma guerra passou ahi com o seu facho devastador; e, como Azzarhat ficava fóra dos muros de Cordova, é provavel que o não quizessem reconstruir para não ser novamente arruinado.

Encerrámos aqui o circulo das nossas viagens na Andaluzia e tambem a sua descripção, e preparámo-nos para voltar á patria, onde na fronteira nos esperavam decepções e vexames que é costume inflingirem ahi aos estrangeiros que têm a infeliz ideia de visitar Portugal. Entrámos em Hespanha duas vezes, estivemos em Tanger e Gibraltar, e em nenhuma das fronteiras d'estes paizes soffremos inspecções sanitarias e os estupidos vexames alfandegarios que nos estavam reservados na fronteira de Elvas.

N'isto são-nos superiores os mesmos mar-

BIBLIOTECA Granada DE ANDALUCIA

roquinos, porque, em Tanger, não submettem os viajantes a revistas, que nenhum resultado dão, a não ser afugentar os estrangeiros.

Era na primeira quinzena de abril, não havia receio algum de propagar qualquer epidemia no paiz; todavia, logo á entrada da fronteira parou o comboio para sermos submettidos a ridiculas e desnecessarias inspecções e fumigações sanitarias! É urbano e sensato o facultativo que alli dirige este serviço; mas, por maior que fosse o seu desejo de suavisar os incommodos dos passageiros, era-lhe impossivel deixar de cumprir a desagradavel e desnecessaria missão de que o incumbiram.

N'esse tempo, em paiz algum da Europa submettiam os estrangeiros a revistas sanitarias; mas parece que os governos portuguezes têm a peito afugentar os estrangeiros, que aqui queiram vir deixar o seu dinheiro. A grande preoccupação dos nossos dirigentes não é a perda de interesses valiosissimos; mas evitar que alguem possa ser affectado de molestia, que não existe!...

Tiram o ultimo succo dos seus rendimen-

tos, em estupidas contribuições augmentadas todos os annos, aos proprietarios e industriaes, muitos dos quaes têm apenas o sufficiente para não morrer de fome; matam de anemia os empregados publicos com deducções forçadas; mas, em compensação, velam solicitos pela preciosa existencia de nós todos!...

Ditosa patria, ditosa gente, que tem governos que assim comprehendem a sua missão!...

E não estabelecem na fronteira o exercito, em cerrado cordão sanitario, para, qual outra muralha da China, fazer guerra ao terrivel microbio, porque já não chega o dinheiro para tanta loucura, e porque já não acham quem lhes empreste.

Não existia na peninsula epidemia alguma suspeita, ou, se existia, era sem força expansiva, em estado endemico; mas n'este paiz, em que impera o egoismo, onde a vida material é tudo, sacrificam-se a um interesse problematico, interesses positivos, de grande valia!...

Mas depois outro vexame maior nos estava

reservado. Era o exame das bagagens na alfandega ou nos mesmos *wagons*.

Não é preciso ser muito sagaz para ver quem poderá trazer contrabando nas suas bagagens; o que nos diz o mais simples bom senso é que ninguem quererá ser enxovalhado para evitar o pagamento de alguns direitos pelos objectos que tenha comprado; os contrabandistas não se apresentam descaradamente nos postos alfandegarios para passar o seu contrabando, porque têm immensos meios de o introduzir no paiz com a quasi certeza absoluta de não serem apanhados: para que é, pois, o estupido e inutil vexame de revolver as bagagens a toda a gente?!...

Mas, se a medida, em si, só serve para afugentar os estrangeiros, sem utilidade para o fisco, os encarregados da sua execução ainda aggravam mais os seus vexames.

Em geral, são uns verdadeiros selvagens, sordidos, grosseiros e broncos.

Mechem e revolvem brutalmente, desarrumando e desembrulhando os mais pequenos e insignificantes pacotes das nossas baga-

gens, atiram tudo para um monte, e o passageiro depois que se arranje!

Isto não póde continuar assim, porque é improprio d'uma nação culta, e porque nos deshonra perante o estrangeiro. As necessidades do fisco não justificam, nem podem justificar taes processos de evitar as fraudes do contrabandista.

O serviço alfandegario póde ser feito sem taes vexames.

O empregado deve ter o bom senso de apreciar quem poderá trazer objectos sujeitos ao pagamento do imposto.

O *touriste* de bagagem reduzida não faz contrabando, por isso não lhe deve aquella ser revolvida, sem necessidade. Procedam n'isto como no estrangeiro.

Em França pergunta-se ao viajante se traz alguma cousa que deva pagar direitos, e sob resposta negativa d'elle, deixa-se-lhe passar a bagagem.

Esta só é revolvida, havendo denuncia, e, se é apanhado em flagrante delicto de contrabando e mentira, paga então tudo severamente.

Em Portugal, porém, parece que actualmente só ha a preoccupação de arranjar dinheiro, e os nossos governos deram em ser muito pouco escrupulosos nos meios de o arranjar.

É lamentavel!

O nosso maior deficit não é de dinheiro, é de juizo...

FIM.

INDICE

		Pag.
Advertencia		xi
CAPITULO	I. — Do prazer e utilidade das viagens	19
CAPITULO	II. — Supposições e realidades	37
CAPITULO	III. — De Lisboa a Sevilha	49
CAPITULO	IV. — Em Sevilha	65
CAPITULO	V. — Em Cadiz	117
CAPITULO	VI. — Tanger	131
CAPITULO	VII. — Gibraltar	149
CAPITULO	VIII. — Malaga	161
CAPITULO	IX. — Granada	171
CAPITULO	X. — Cordova	205